



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

FRANCISCO DE ASSIS LOPES GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA, FUNDAMENTOS DE DIREITOS HUMANOS E A
MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS DA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

FRANCISCO DE ASSIS LOPES GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA, FUNDAMENTOS DE DIREITOS HUMANOS E A
MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS DA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR**

BOA VISTA, RR

2024

FRANCISCO DE ASSIS LOPES GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA, FUNDAMENTOS DE DIREITOS HUMANOS E A
MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS DA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Rufino Santos.

Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Boa Vista, RR

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA**

FRANCISCO DE ASSIS LOPES GOMES

**O ENSINO DE HISTÓRIA, FUNDAMENTOS DE DIREITOS HUMANOS E A
MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS DA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR**

Dissertação apresentada como pré-requisito para a colação de grau no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), defendida em 30 de setembro de 2024, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Alessandra Rufino Santos (PROFHISTÓRIA/UFRR)
Orientadora

Profa. Dra. Valéria Moreira Coelho de Melo (PROFHISTÓRIA/UNIFESSPA)
Membro Externo Titular

Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza (PROFHISTÓRIA/UFRR)
Membro Interno Titular

Profa. Dra. Raimunda Gomes da Silva (PPGE/UERR)
Membro Externo Suplente

Boa Vista, RR

2024

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

G633e Gomes, Francisco de Assis Lopes.

O Ensino de História, fundamentos de direitos humanos e a migração de venezuelanos: um olhar sob a prática docente nas escolas da zona oeste de Boa Vista-RR / Francisco de Assis Lopes Gomes. – Boa Vista, 2024.
80 f. : il. Inclui Apêndice(s).

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Rufino Santos.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA.

1. Ensino de História. 2. Migração venezuelana. 3. Metodologias de ensino. 4. Direitos humanos. I. Título. II. Santos, Alessandra Rufino (orientadora).

CDU (2. ed.) 372:93(811.4)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, pois sem eles o meu mundo estaria incompleto. Também dedico a todos os migrantes internacionais, que buscam realizar seus sonhos em outras nações.

Vivemos em um mundo onde a mistura de etnias, culturas, religiões, línguas e costumes estão em pleno crescimento. As barreiras de línguas e fronteiras já não limitam o andar entre nações.

BAPTAGLIN; MONTEIRO (2021, p.05).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família por ter compreendido os momentos que precisei me concentrar nos estudos. Porém, o meu coração nunca esteve longe de vocês.

O agradecimento mais especial, gostaria de dedicar a minha esposa, Suelen Mayane, que já estamos caminhando juntos há 18 anos e os nossos filhos que são a parte mais importante da nossa vida. Amo vocês.

Agora, gostaria de externar um grande abraço as professoras e os professores do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), Ananda Machado, Carla Monteiro, David Junior de Souza Silva, Marcos Paulo Torres, Maria Luiza Fernandes, Marcela Albaine, Marcos Antônio de Oliveira, Monalisa Perrone, Raimunda Gomes e Valéria Moreira Coelho de Melo, pois a minha admiração só aumentou durante os debates em sala de aula. Agora, um outro agradecimento, muito especial, à minha orientadora, a professora Alessandra Rufino, que sempre me apoiou nos momentos de dificuldades, durante o processo da construção da dissertação.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os colegas de curso, pois a troca de experiências em sala de aula ampliou os meus horizontes significativamente e com isso a melhora da qualidade do meu trabalho como professor.

Obrigado a todos!

O ENSINO DE HISTÓRIA, FUNDAMENTOS DE DIREITOS HUMANOS E A MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS: UM OLHAR SOB A PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS DA ZONA OESTE DE BOA VISTA-RR

RESUMO

Roraima está situada nos limites territoriais do Brasil, sendo a Venezuela uma de suas vizinhas de fronteira. Em decorrência disso, a crise migratória deste país, intensificou o movimento migratório para o estado, o que produziu uma mudança na vida da população local. Neste contexto, a sala de aula de História também foi afetada pelo processo. Partindo deste pressuposto, a presença do aluno migrante venezuelano em sala de aula, suscita um olhar diferenciado e preocupado com a forma como sua inserção vem sendo feita. O fato gera inquietação, visto que os princípios e fundamentos de Direitos Humanos, garantem ao migrante a manutenção de sua dignidade, sendo o processo de aprendizagem, parte desta garantia. Diante disso, como os professores vem redesenhandando suas metodologias e práticas para atender a esta inserção, no contexto as escolas estaduais da zona Oeste da capital do estado de Roraima, a cidade de Boa Vista? Como os professores de História conseguem vencer a barreira da língua e envolver os alunos migrantes da Venezuela em sala de aula? Quais as principais problemáticas advindas deste processo? Quais as metodologias de ensino de História ou experiências pedagógicas que foram exitosas no aprendizado dos alunos migrantes? Para responder a estas inquietações, objetivou-se realizar um estudo acerca da atuação dos professores de História, no processo da inserção de estudantes venezuelanos no cotidiano das aulas, enfocando mais especificamente as Escolas da Zona Oeste de Boa Vista, entre os anos de 2015 e 2022. Assim, buscou-se ressaltar as particularidades e dinâmicas cotidianas, observadas pelos docentes desta região. Foram colhidos questionários para oferecer suporte à escrita e analisados alguns documentos pertinentes ao contexto. Reunidos todos os dados, organizou-se uma sugestão de evento para a socialização das práticas voltadas à atuação do professor frente à esta migração em sala de aula como forma de compartilhar e recriar as práticas exitosas, buscando disseminar o conhecimento e contribuir para uma discussão mais profunda da temática.

Palavras-chave: Ensino de História; Migração Venezuelana; Metodologias de Ensino; Direitos Humanos.

ABSTRACT

Roraima is located within the territorial limits of Brazil, with Venezuela being one of its border neighbors. As a result, the migration crisis in this country intensified the migratory movement to the state, which produced a change in the lives of the local population. In this context, the History classroom was also affected by the process. Based on this assumption, the presence of the Venezuelan migrant student in the classroom raises a different perspective and is concerned with the way in which their insertion is being carried out. This fact generates concern, since the principles and foundations of Human Rights guarantee migrants the maintenance of their dignity, with the learning process being part of this guarantee. Given this, how have teachers been redesigning their methodologies and practices to meet this insertion, in the context of state schools in the western zone of the capital of the state of Roraima, the city of Boa Vista? How can History teachers overcome the language barrier and engage Venezuelan migrant students in the classroom? What are the main problems arising from this process? What History teaching methodologies or pedagogical experiences were successful in learning for migrant students? To respond to these concerns, the objective was to carry out a study on the performance of History teachers, in the process of inserting Venezuelan students into the daily classes, focusing more specifically on the Schools in the West Zone of Boa Vista, between the years 2015 and 2022. Thus, we sought to highlight the particularities and daily dynamics observed by teachers in this region. Questionnaires were collected to support writing and some documents relevant to the context were analyzed. Having gathered all the data, an event suggestion was organized for the socialization of practices aimed at the teacher's performance in the face of this migration in the classroom as a way of sharing and recreating successful practices, seeking to disseminate knowledge and contribute to a more open discussion. depth of the theme.

Keywords: Teaching History; Venezuelan Migration; Teaching Methodologies; Human Rights.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM	Amazônia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BR	Rodovia Federal
DCR	Documento Curricular de Roraima
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FEB	Força Expedicionária Brasileira
OAB	Ordem dos advogados do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
PF	Polícia Federal
RR	Roraima
SEED	Secretaria de Estado da Educação e Desportos
UFRR	Universidade Federal de Roraima

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. MIGRAÇÃO VENEZUELANA E DIREITOS HUMANOS	18
1.2 A Migração sob a ótica dos Direitos Humanos	22
2. A HISTÓRIA NA SALA DE AULA: UM NOVO OLHAR METODOLÓGICO	26
2.1 Rüsen e o ensino de História.....	26
2.2 A sala de aula e a Educação Histórica	28
3. A SALA DE AULA E OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA.....	35
3.1 Sala de aula e a migração.....	35
3.2 Os impactos da migração venezuelana na sala de aula de História.....	37
3.3 Currículo escolar e memória	41
4. DADOS DA PESQUISA.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE.....	74

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a crise econômica e política observada da Venezuela trouxe uma nova realidade para o estado de Roraima, especialmente para a capital do estado de Roraima, a cidade de Boa Vista. O migrante, oriundo deste país, se apresenta cada vez mais presente no cotidiano da localidade.

Como professor da rede estadual de ensino nos últimos 16 anos, percebo as enormes mudanças que esta migração nos impõe em sala de aula, sendo as metodologias utilizadas por outros colegas sempre me inquietou e suscitou curiosidade em relação ao enfrentamento das dificuldades de aprendizagem que acompanham este aluno migrante. Assim, surgiu o questionamento: existe uma preocupação de compreender como estes alunos são percebidos nas escolas estaduais da zona Oeste¹ da capital Boa Vista? Como os professores de História conseguem vencer a barreira da língua e envolver os alunos migrantes da Venezuela em sala de aula? Quais as principais problemáticas advindas deste processo? Quais as metodologias de ensino de História ou experiências pedagógicas que obtiveram mais sucesso no processo de aprendizagem dos alunos venezuelanos?

O interesse pelo tema da migração² venezuelana no estado de Roraima surgiu em virtude de minhas experiências pessoais, no âmbito profissional e acadêmico. Entretanto, é necessário salientar que uma pesquisa científica deve sempre atender o interesse público, pois políticas públicas que visam atender ao coletivo serão bem-vindas e se uma pesquisa científica contribui com uma política pública então cumpriu o seu objetivo.

Neste sentido, durante minha atuação profissional, precisei intervir, algumas vezes, em sala de aula em conflitos entre alunos brasileiros e venezuelanos. Fato ocorrido mais de uma vez em duas escolas públicas, da zona Oeste de Boa Vista, em que estive lotado como professor, precisamente no período correspondente entre os anos de 2010 e 2022.

¹ Segundo Santiago (2016), Boa Vista é dividida em quatro zonas, além do Centro: Zona Norte, com seis bairros; zona Sul, com cinco bairros; zona Leste, com quatro bairros; e zona Oeste, com 40 bairros, onde estão concentrados 75% da população da Capital, com cerca 250 mil habitantes.

² Neste estudo, o conceito de migração refere-se tanto a imigração quanto a emigração. Da mesma forma que o conceito migrante corresponderá simultaneamente a emigrante e a imigrante. Essa escolha é baseada nos estudos de Sayad (1998), que reconhece a emigração e a imigração como duas faces de uma mesma realidade.

Neste caso, a resolução do problema sempre foi esclarecer o momento histórico vivido pela Venezuela nos últimos anos, marcado por uma intensa crise política e econômica, possibilitando ao aluno se colocar no lugar do outro e se reconhecer enquanto ser social, passível de mudanças e interações com realidades diferentes da sua.

Além disso, como professor de História da educação básica em Roraima, busquei sensibilizar os estudantes brasileiros, para que tivessem empatia com a situação dos venezuelanos, mostrando dados oficiais de que o povo brasileiro também migra para outros países. Sendo assim, foi possível que ficasse claro o pensamento de que o respeito ao migrante é fundamental para qualquer pessoa que se encontra em outro país.

O tema migração é um tema que sempre me chamou a atenção desde a época em que cursei a Licenciatura em História na Universidade Federal de Roraima (UFRR), entre os anos 2004 e 2007. Isso se deve ao fato da migração, em especial dos nordestinos, ser um fenômeno tão presente e tão marcante na sociedade roraimense, por ter contribuído com o desenvolvimento social e econômico do estado de Roraima (Nogueira et al., 2013). No caso do fenômeno migratório venezuelano em Roraima, este se relacionada com a busca pela compreensão dos movimentos que homens se obrigam a realizar em consequência das convulsões sociais, problemas econômicos e políticas ideológica (Moreira; Borba, 2021).

É importante mencionar que, ao cursar minha segunda graduação (o Bacharelado em Direito, no período de 2017 a 2021, no Centro Universitário Estácio da Amazônia), me chamou atenção a disciplina de Direitos Humanos, que trouxe contribuições significativas aos questionamentos que já se faziam presentes em minhas práticas cotidianas, referentes às questões migratórias e seus impactos na sala de aula.

Logo, o deslumbrado das reflexões construídas nesse momento será objeto de interesse de outros historiadores no futuro. Por isso, o trabalho desenvolvido neste momento atual será de grande relevância para outros pesquisadores no futuro, com outros enfoques dos acontecimentos que se desenvolvem na atualidade.

Partindo destas inquietações, me propus a realizar um estudo acerca da atuação dos professores de História no processo da inserção de estudantes venezuelanos no cotidiano das aulas de História, nas escolas da zona Oeste de Boa

Vista, entre os anos de 2015 e 2022, com a finalidade de ressaltar as suas principais dificuldades e/ ou barreiras.

Para atender a esta demanda, foi traçado neste estudo um caminho definido pelos seguintes objetivos específicos: 1) Levantar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores quanto à inserção de alunos venezuelanos em suas salas de aula; 2) Analisar os suportes didáticos que os professores utilizam no seu dia a dia de sala de aula; 3) Analisar as metodologias utilizadas por professores em sala de aula para alcançar os resultados nos aprendizados dos alunos venezuelanos.

Do ponto de vista metodológico, o estudo buscou dados em órgãos oficiais, principalmente na Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR), no que refere ao quantitativo de alunos de nacionalidade venezuelana atendidos pelas escolas estaduais de Boa Vista-RR. Desta forma, inicialmente, cabe enquadrar esta pesquisa quanto à sua tipologia, sendo a mesma teórica e explicativa.

A pesquisa teórica é conhecida por “tratar-se da pesquisa que é dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos” (Demo, 2000, p.20). Sendo assim, ao analisar o cotidiano da construção do saber escolar diante da migração venezuelana, no seio das salas de aula, sob a ótica do professor de História, este estudo se propôs, exatamente, a reconstruir os conceitos ou pré-conceitos que temos acerca deste processo, lançando base para novos saberes e propostas de abordagens que se apresentarem como significativas.

Esta pesquisa também foi explicativa, à medida que esclareceu os fatores que contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de algum fenômeno (Costa; Costa, 2011). Esta abordagem explicativa também serviu ao propósito que buscamos, visto que buscamos compreender como está se desenrolando o fenômeno da migração junto ao ensino de História em sala de aula? Para isso, o estudo buscou coletar e estudar os fatores que envolvem este processo tão dinâmico e complexo, que temos observado nas escolas de Boa Vista, dando destaque, especialmente, a zona Oeste, região em que estou inserido como professor de História da educação básica.

A despeito da pesquisa explicativa a ser realizada, a mesma se deu por meio de uma pesquisa documental, sendo “ aquela realizada em documentos oficiais, ou seja, em Atas, regulamentos, memorandos, balancetes, internet [...]” (Rudio, 1998, p. 71).

Também para atender à necessidade da pesquisa explicativa aqui construída, o estudo seguiu os pressupostos da pesquisa ação, que é

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p.14).

Definida a tipologia, partiu-se para a abordagem, que para fins desta pesquisa foi qualitativa e quantitativa, onde a qualitativa é caracterizada como compreensiva, holística, bem adaptada para análise minuciosa da complexidade (Silva; Silveira, 2009, p.152). Já a pesquisa quantitativa,

Busca a explicação dos fatos e centra-se em números e tabelas, caracterizando-se, portanto, pelo emprego da quantificação na coleta de informações por meio de técnicas estatísticas (percentual, média, desvio padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc) (Lira, 2014, p. 26).

Partindo da definição de abordagem, cabe mencionar sobre a população e a amostra, definidas por Lira (2014, p. 26- 27) da seguinte maneira:

A)População: pode ser definida como um conjunto de elementos que possuem determinadas características. B) Amostra: corresponde a certo número de elementos para averiguar algo sobre a população a que pertencem. É um aspecto da população a ser estudada.

Sob esta ótica, a população que foi abordada neste estudo contemplou a de professores do ensino de História, atuantes nas escolas estaduais da zona Oeste da cidade de Boa Vista, estado de Roraima (compreendendo os bairros Cauamé, Caranã e União). Já a amostra buscada, foi de no mínimo 70% destes professores de História (número que foi coletado na abordagem inicial nas escolas).

Partindo aos instrumentos de coleta de dados, inicialmente, o estudo recorreu a documentos que foram buscados em órgãos oficiais, para construir o universo e amostra e compor os dados numéricos iniciais. Assim, Lira (2014, p. 28), define documentos como sendo

[...] necessários para o aprofundamento diacrônico da temática. No modelo da pesquisa apresentada como protótipo nesse compêndio, eles poderão ser: anotações de conselhos de classe anteriores; registros de atitudes dos discentes em salas de aulas [...] registros de notas e gráficos de aproveitamento que poderão ser estudados na secretaria escolar (Lira, 2014, p. 28).

Este levantamento inicial de documentos foi a base para definição dos passos da pesquisa, como o quantitativo total de escolas estaduais da zona Oeste, quantitativo de alunos, quantitativo de alunos migrantes venezuelano, quantitativo de professores de História, atuantes em cada escola, dentre outros. Esta base inicial permitiu uma sondagem prévia para a busca ativa de profissionais da área de História, que foram o objeto de pesquisa deste estudo.

Definido o universo e amostra iniciais, foi necessário a aplicação de questionários pelo google forms, que foram instrumentos gerais de coleta de dados, com perguntas estruturadas. Segundo Lira (2014, p. 27), com perguntas previamente estabelecidas, os questionários mais fechados e aqueles abertos dão a possibilidade, ao destinatário, de emitir opiniões e julgamentos. Assim, para atender às necessidades desta pesquisa, foram aplicados questionários semiabertos, com perguntas direcionadas, mas que buscassem justificativas de resposta para quantificar e enquadrar numericamente algumas situações do ensino de História voltado para estudantes migrantes venezuelanos.

Por conta do pouco tempo para finalizar a pesquisa, o estudo que obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos (CEP) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), no dia 07 de junho de 2024, por meio do parecer de nº 6.874.136, não realizou entrevistas orais em profundidade. Os dados sobre a prática docente dos professores de História, foram coletados somente por questionados com perguntas fechadas e abertas aplicados pelo google forms, como já exposto anteriormente.

Com a aplicação dos questionários, objetivou-se compreender como os professores de História da rede pública se veem dentro do processo educacional? Como estão sendo tratadas suas necessidades e dificuldades pela escola? Como se dá a construção do saber escolar para os alunos migrantes? Quais são as principais dificuldades encontradas pelos professores de História na construção do saber histórico? Quais são as redes de apoio disponíveis a eles ou não para tal prática? Enfim, como os professores de História estão lidando com as dificuldades na sala de aula frente à migração venezuelana? E, mais ainda, como se deu este processo durante a pandemia? Pressupõe-se que houve amplificação de algumas destas dificuldades observadas anterior e posteriormente ao processo pandêmico.

O olhar dos professores de História, que está na linha de frente da recepção do aluno migrante venezuelano, possibilitou não somente um levantamento dos

principais desafios, como também uma visão mais geral das metodologias de ensino de História que foram assertivas e que necessitam, de alguma forma, ser socializadas com os demais profissionais da área de História.

Tais levantamentos possibilitou este estudo observar, pela ótica do professor de História da educação básica, como está a construção do saber histórico no espaço escolar? Cabe ressaltar, nesse contexto, que o saber histórico é de uma complexidade extrema e que se expande com a inserção de mais um elemento tão complexo quanto, que é a migração.

Na atualidade, o tema da imigração vem ganhando projeção na mídia e nos meios de comunicação de massa, constituindo-se em um importante campo de investigação para os pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais, interessados em analisar os fluxos migratórios na contemporaneidade e suas implicações no âmbito político, econômico, social e cultural. Além desses aspectos, convém destacar que debruçar-se sobre este assunto no tempo presente, tem propiciado abordagens que não se limitam às análises sobre as decisões da partida e as estratégias de sobrevivência em solo estrangeiro, mas de problemáticas que atravessam esta temática e que dizem respeito aos direitos humanos, os conflitos étnicos no ocidente, os casos de xenofobia e racismo, além dos frequentes ataques terroristas ocorridos na Europa (Bueno et al., 2011, p. 251).

Após aplicação dos questionários, foram reunidos os dados para ser feita uma análise quali-quantitativa da temática, para compor a escrita da dissertação, buscando responder aos questionamentos levantados acerca da construção do saber escolar sob a ótica dos professores de História? E quais são os principais problemas enfrentados por eles no processo de inserção dos alunos migrantes no cotidiano do ensino de História das escolas da zona Oeste de Boa Vista?

Assim, na busca por compreender melhor esta dinâmica tão rica, que o processo migratório venezuelano proporciona à sala de aula de História da zona Oeste de Boa Vista-RR, esta dissertação divide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Migração venezuelana e direitos humanos” contempla um breve histórico do processo migratório de venezuelanos para Roraima e aborda a migração sob a ótica dos direitos humanos. Na sequência, o segundo capítulo que se intitula “A História na sala de aula: um novo olhar metodológico” desenvolve um debate sobre Rüsen e o ensino de História, contemplando reflexões sobre a sala de aula e a educação histórica. O terceiro capítulo, por sua vez, se intitula “A sala de aula e os desafios da docência” e menciona um diálogo entre a sala de aula e a migração. Além disso, caracteriza os impactos da migração venezuelana na sala de aula de História no contexto de escolas da zona Oeste de Boa Vista. Contempla também uma

aproximação entre o currículo escolar e a memória. Seguindo essa linha de raciocínio, o quarto capítulo é voltado para os “Dados da pesquisa” e apresenta os principais resultados do estudo. É importante citar que o presente estudo não executou o produto educacional, sendo este o motivo dos capítulos da dissertação não dialogarem com o produto educacional, uma vez que a proposta do produto educacional encontra-se no apêndice com o título “Sugestão de evento pedagógico para a socialização de experiências associadas à migração”.

2. MIGRAÇÃO VENEZUELANA E DIREITOS HUMANOS

1.2 - Migração Venezuelana: Um Breve Histórico

Para compreendermos melhor o contexto histórico que estamos vivendo no estado de Roraima, que está localizado no extremo Norte do Brasil, é importante fazer um breve resumo da sua história, levando em conta a questão migratória que resultou na sua criação. Cabe destacar que, a BR-174 é a rota mais utilizada para chegar ao estado, via terrestre, tanto quem se desloca de outras regiões do Brasil quanto para quem se desloca da Venezuela. Por via aérea, o estado conta com o aeroporto internacional de Boa Vista e, por último, temos a via fluvial. Porém, na atualidade essa alternativa é utilizada somente para o transporte de carga. De acordo com Freitas (2001), o Rio Branco não é navegável durante o ano todo. Isso se deve ao regime de chuvas que influência diretamente no volume de água do rio Branco.

A estação das chuvas, em Roraima, ocorre entre abril e setembro, sendo que os meses de junho e julho são os que mais chovem. A média pluviométrica é de 1.584 mm. A máxima registrada foi em 1951 com 2.359 mm e a mínima foi em 1914 com apenas 845 mm. A estação seca, chamada de verão, vai de outubro a março, sendo os meses de dezembro e janeiro os mais secos. Com este quadro de distribuição de chuvas, o rio Branco, único meio fluvial de comunicação de Roraima com o restante do país e, em especial, com a cidade de Manaus-AM, durante o verão (outubro a março) e, mais especificamente, entre janeiro e março, apresenta-se intrafegável. Bancos de areia e praias impedem a navegação de Santa Maria do Boaçu até Caracaraí (considerada a Cidade Porto). Já as cachoeiras do Bem-Querer, notável ponto turístico próximo a Caracaraí, impedem a navegação entre aquela cidade e Boa Vista (Freitas, 2001, p. 22-23).

De acordo com os historiadores, a região do Vale do Rio Branco passou a perceber o contato com o colonizador a partir do século XVII, com expedições militares a fim de obter ganhos territoriais, comerciantes em busca de especiarias e apressamentos de indígenas. Com a ameaça da perda da região para outros países europeus, os portugueses se obrigam a ocupar mais a região para asegurar a posse da região. Daí a construção do Forte São Joaquim em meados do XVIII, com o intuito de proteger a região, além dos projetos de cercamentos e introdução de fazendas para alavancar a economia local.

No final do século XIX, precisamente em 1890, Boa Vista do Rio Branco foi elevada à categoria de município pelo governador do Amazonas, Augusto Ximenes de Villeroy, através do Decreto nº 049. Em meados do século XX, em 1943, foi criado, pelo presidente Getúlio Vargas, o Território Federal do Rio Branco. É importante

salientar que a maior parte da população local era composta de indígenas. Outro detalhe é que o acesso de pessoas de outras regiões do país era bastante difícil, pois o meio de transporte mais utilizado para se ter acesso a região eram as pequenas embarcações pelo período de cheias do Rio Branco, o que fazia que o antigo Ex-Território Federal fosse uma das regiões mais isolada do país.

No início da década de 1970, foi construída pelo regime ditatorial do Brasil a BR-174. Daí, passou a ser a principal fonte de acesso para a região, que foi um dos fatores de atração populacional, pois as descobertas de enormes jazidas de minérios na região foram capazes de mobilizar um contingente populacional para a região. Com a Constituição de 1988, o Ex-Território Federal de Roraima foi elevado à categoria de estado e, desta forma, passou a ocorrer um novo fator de mobilização populacional para a região. As pessoas foram atraídas por uma nova perspectiva de melhora de vida.

No ano de 2023, ao analisarmos os dados disponibilizados pela Polícia Federal, podemos perceber um movimento migratório de venezuelanos no estado de Roraima, responsável por proporcionar uma nova realidade histórica para a região. Os dados da Polícia Federal Brasileira são bastantes interessantes para analisarmos devido, primeiramente, a diversidade de nacionalidades que adentram no Brasil, sendo possível visualizar, em Roraima, migrantes internacionais oriundos dos continentes africano, asiático, europeu e americano.

No período da pesquisa, o Brasil recebeu do continente africano cerca de 338 pessoas, com destaque para Camarões, com 147 pessoas. O segundo lugar é ocupado pela Nigéria, com 50 pessoas que adentraram em nossas fronteiras. Isso indica que os africanos chegaram ao estado de Roraima, embora não seja uma quantidade tão expressiva que chame a atenção. Mas mostra as diversidades de pessoas, que passam na fronteira brasileira. Como são apenas números, não tem como sabermos ao certo o porquê desse movimento. Neste sentido, só podemos fazer suposições de que as pessoas migram sempre em busca de novas oportunidades de estudo, trabalho, turismo ou busca exílio do lugar de origem. Enfim, são apenas suposições, devido ao histórico do continente africano.

Do continente europeu, foi registrada a entrada de 74 pessoas, com destaque para os portugueses, com 26 pessoas, e 12 pessoas de nacionalidade espanhola. Assim como o continente africano é bastante diversificado, os números de migrantes,

oriundos da Europa, também são bastantes diversificados pela quantidade de países deste continente.

As razões do movimento migratório europeu na fronteira de Roraima também são desconhecidas. Por conta disso, podemos supor apenas que viagens ligadas a negócios ou turismo. No caso português, ocorrem por causa da aproximação histórica entre Brasil e Portugal. Já os espanhóis, possuem ligação histórica com países de língua espanhola. O movimento desses migrantes internacionais não seria algo estranho, pois o migrante se movimenta por diversas razões, e passar pelo Brasil, sobretudo a Amazônia, que sempre exerceu fascínio entre os europeus desde a chegada dos europeus na América, torna-se algo grandioso.

Em relação a América Central, os números de migrantes para quem não domina o estudo da migração são surpreendentes. O total de pessoas registradas na Polícia Federal, que adentraram nas fronteiras roraimenses foram de 2.643 pessoas. Destes números, o destaque fica por conta dos cubanos com a presença de 2.152 pessoas. O segundo lugar fica com os haitianos, que apresentam o número de 464 pessoas. Esses números são interessantes, pois é bem mais fácil notar a presença dos haitianos, pois alguns trabalham como vendedores ambulantes pelas ruas da capital Boa Vista. Atualmente, não notamos com frequência a presença dos cubanos em Boa Vista. Mas sabemos que muitos deles chegaram em Roraima para trabalhar nas áreas da saúde e educação (Santos, 2013).

Diante do exposto, há várias explicações para essa percepção e a própria comunidade de cubanos, que vivem na cidade de Boa Vista, possui essa explicação para o entendimento do movimento migratório. É certo que qualquer informação sobre o tema tem que passar por uma pesquisa científica para não cairmos no senso comum, o que seria uma armadilha para qualquer cientista. Neste caso, um artigo científico mais aprofundado preencheria essa lacuna do movimento migratório cubano em Boa Vista-RR.

Já sobre a presença de migrantes internacionais oriundos da América do Sul, os dados da Polícia Federal do ano de 2023 mostraram que a presença dos sul-americanos é bastante diversificada. No entanto, não representam surpresa nenhuma, pois os números são muito mais expressivos em comparação com outras regiões do planeta. Foram registradas 138.623 migrantes internacional da América do Sul no estado de Roraima. Neste caso, a presença de migrantes venezuelanos é muito mais numerosa do que de outras nacionalidades da América do Sul. Foram registradas a

entrada de 2015 a 2023 no total de 137.305 venezuelanos. De qualquer forma, esse número pode ser maior do que esse número oficial por causa dos números de pessoas que adentraram na fronteira Brasil-Venezuela sem documentos.

Ainda de acordo com os dados oficiais, disponibilizados pela Polícia Federal em 2023, o segundo lugar fica para a República Cooperativa da Guiana com a presença de 569 pessoas. Porém, extraoficialmente esse número pode ser maior devido existir a possibilidade de guianenses ingressarem na fronteira Brasil-Guiana de forma ilegal. O terceiro lugar é dos colombianos com o total de 506 pessoas. Os anos de 2022 e 2023 se destacaram, pois houve um aumento dos números de colombianos em Roraima em comparação aos anos anteriores. Nesses dois anos, dobrou o número de colombianos em Roraima.

Para efeito de comparação, nos anos anteriores, a presença de venezuelanos na capital Boa Vista era muito menor em termos de quantitativo. Só para termos uma visão mais geral, em 2014, a entrada oficial de venezuelanos, em Roraima, foi de apenas 09 pessoas. Isso indica que os dados corroboram com a nossa percepção de que o ano de 2015 foi um o ano em que se acentua a migração venezuelana para o Brasil, por meio da fronteira terrestre com o estado de Roraima. Esse cenário fez de Roraima a porta de entrada para os migrantes venezuelanos no Brasil.

Em 2015, o número de venezuelanos que ingressaram em Roraima subiu mais de 1000% do número de 2014, tendo 83 pessoas venezuelanas neste estado. Em 2022, os números foram de 30.831 migrantes venezuelanos em Roraima, podendo esse número ser ultrapassado nos anos de 2023 e 2024. É importante esclarecer que nem todos os migrantes venezuelanos permanecem no estado de Roraima, pois existe a política pública de interiorização dos migrantes venezuelanos para outras regiões do Brasil, através da Operação Acolhida, que apresenta como um dos propósitos diminuir os impactos nos serviços públicos do estado de Roraima (Lisboa, 2023).

Esse resumo, com características históricas, é importante para percebermos que a História local de Roraima associa-se ao processo migratório neste estado. Apesar disso, não podemos deixar de mencionar que os primeiros seres humanos a ocuparem a região, que conhecemos hoje como Roraima, são os povos indígenas. A presença de migrantes neste espaço mudou a realidade da região e dos povos indígenas. A chegada de uma nova leva de contingente populacional, marcada pela

presença de venezuelanos, vem transformando o espaço social com novos atores e novas dinâmicas sociais como consequência.

1.2 A migração sob a ótica dos Direitos Humanos

Ao cursar a disciplina de Direitos Humanos, a compreensão do tema me levou a concluir que toda a atuação do homem em sociedade, de certa forma, se relaciona à necessidade de se preservar a sua dignidade humana, como educação de qualidade, sendo esta, uma máxima legal que é garantida pelo nosso corpo jurídico.

A disciplina me chamou atenção por tratar de um tema bastante instigante, pois é um tema histórico. Nós, que somos oriundos da História, sabemos que o conceito de Direitos Humanos não surgiu da noite para o dia, pois para os doutrinadores jurídicos (é assim como são conhecidos os pensadores do Direito), o referido conceito levou mais de dois mil anos para se concretizar.

A História é fundamental para se formar o conceito jurídico dos Direitos Humanos que, em síntese, afirma que Direitos Humanos é tudo aquilo que traz dignidade as pessoas pelo “simples fato de ser humano” (Spiler et al., 2010, p.14). Os autores apontam ainda que

O desenvolvimento dos direitos humanos foi um processo histórico e gradativo. Dessa forma, a consagração dos direitos humanos é fruto de mudanças ocorridas ao longo do tempo em relação à estrutura da sociedade, bem como de diversas lutas e revoluções (Spiler et al., 2010, p. 14).

O documento que foi proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas³, em Paris, no dia 10 de dezembro de 1948, visa estabelecer de fato a proteção universal dos Direitos Humanos e o Brasil foi muito feliz em copilar boa parte dos artigos da declaração universal dos Direitos Humanos na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), que é conhecida como a Constituição Cidadã por resguardar ou asegurar a dignidade humana em boa parte do seu texto constitucional.

Podemos perceber a afirmação acima logo no artigo 1º, que é um fundamento constitucional e no inciso III – a dignidade da pessoa humana; nos artigos 3º, no inciso III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; no inciso IV do mesmo artigo – promover o bem de todos, sem preconceitos

³ A elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), em 1948, significou um marco da consagração da universalidade dos direitos humanos (Spiler et al., 2010, p. 17).

de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. O artigo 4º também é importante para ser analisado por trata-se das relações internacionais, que é também um princípio constitucional que interessa a esta dissertação. O inciso II – prevalência dos direitos humanos; pois no seu texto é taxativo a defesa dos direitos Humanos - reforça o caráter constitucional de defender os princípios dos Direitos Humanos.

Podemos observar, ainda, um artigo mais incisivo da Constituição Brasileira (Artigo 5º), pois este sem dúvidas, expressa a característica mais importante para compreendermos o que é Direitos Humanos à luz constituição brasileira, definindo que “todos são iguais perante a lei”. Esta afirmação significa que o país não faz distinção entre as pessoas e, consequentemente não há distinção entre os seres humanos. desta forma (artigo 5º). O seu texto reforça o caráter constitucional dos princípios dos direitos Humanos, o que, consequentemente, lhe agrupa o título de constituição cidadã.

Esta afirmação é reforçada com base no caput do artigo mencionado em que diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade” (Brasil, 1988).

Seguindo esta ideia, no inciso “XLII - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”, permitindo inferir que com base no texto constitucional, principalmente pelos artigos e incisos apresentados, é possível perceber que o Estado Brasileiro se coloca como defensor de fundamentos e principiológicos dos Direitos Humanos, não fazendo distinção entre as pessoas que vivem ou chegam ao Brasil e, inclusive, “punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos fundamentais”.

Diante disso, faz sentido analisarmos a migração no contexto dos Direitos Humanos, pois a dignidade humana é um princípio que faz parte, inclusive, da Constituição Brasileira de 1988, que se coloca na obrigação, através do texto constitucional. São fundamentos que visam proteger qualquer pessoa que vivem ou escolham o Brasil para viver.

Porém, no Brasil, podemos perceber que o tema Direitos Humanos é um tema sensível para uma parcela da população. A percepção das pessoas que não tem aprofundamento acerca do tema, é a de que os Direitos Humanos só “protegem bandidos”, sendo esse preconceito difundido, através de mídias sociais que não

sabemos, de fato, as intenções ao se produzir este tipo de conteúdo, que atacam pessoas que se dispõe a proteger a dignidade humana.

Certos preconceitos também chegam aos cursos superiores que, de certa forma, deveriam trazer luz para alguns temas, esclarecendo as pessoas. Se fizermos uma pesquisa quantitativa, o resultado não será uma surpresa. Não é difícil achar pessoas com cursos superiores, que carregam ideias preconcebidas acerta do tema Direitos Humanos.

Na temática migração, não é difícil encontrar preconceitos disseminados por parte das pessoas em relação aos migrantes, que influenciadas, muitas vezes, por parte de mídias sociais instantâneas e mal-intencionadas, propagam que os Direitos Humanos só estão preocupados com os direitos dos “bandidos”. Essa afirmação foi fruto de uma experiência de sala de aula, pois quando questionei aos meus alunos o que seria Direitos Humanos? A maioria me respondeu que não conhecia o conceito ou que a percepção que tinham sobre o tema é que: “o pessoal dos Direitos Humanos só defende bandidos”.

A percepção apresentada acima foi de alunos do 9º ano do ensino fundamental (anos finais) e de alunos de 3º ano do ensino médio. O tema da aula era “A ditadura militar no Brasil”. O questionamento foi quando estávamos discutindo tortura como instituto de se buscar “solucionar crimes”. Desta forma, quebrar certos paradigmas acerca do tema por falta do desconhecimento sobre o significado da temática “Direitos Humanos” torna-se, de certa maneira, uma obrigação das pessoas esclarecidas acerca do tema.

Por causa dessa experiência, passei a dar mais ênfase no tema nas minhas aulas de História devido a importância dos Direitos Humanos para o nosso dia a dia. Se formos conceituar o que significa “Direito”, para simplificar o entendimento, é aquilo que é correto, que é reto, que é aceito socialmente por todos. Neste sentido, Direitos Humanos representam tudo aquilo que é aceito por todos pelo simples fato de sermos humanos (Arruda, 2020).

Dentro da perspectiva apresentada, também é importante mencionar que os Direitos Humanos têm a ver com dignidade das pessoas. Por isso, o Direito está em todos os aspectos sociais para que não leve as pessoas a um estado de barbárie, o que sempre prejudica os mais fracos. Desta forma, pensar a relação entre a migração e os Direitos Humanos é reconhecer que estes são temas que estão interligados em

todos os contextos possíveis da História humana. É compreender que tudo aquilo que envolve a dignidade humana é Direitos Humanos.

Na recente História de Roraima, estamos vivenciando a migração venezuelana em nosso cotidiano. Como já foi mencionado, o estado de Roraima faz fronteira com a Venezuela, logo é a porta de entrada para os migrantes venezuelanos com objetivo de “fugir” da crise social, política e econômica que se instalou neste país. Tal instabilidade, extensamente debatida e mediada pelos meios de telecomunicação, não tem prazo para ter fim devido a política interna da Venezuela passar por uma percepção de que não haverá mudança nos próximos anos. Tal fato, por consequência, aponta para uma manutenção dos problemas sociais e econômicos, o que faz do movimento migratório algo constante na vida dos venezuelanos.

O contexto mencionado faz que o Estado brasileiro cumpra os princípios constitucionais da Carta Magna de 1988, de dar dignidade a qualquer pessoa instalada em suas fronteiras nacionais. Devido à complexidade dos momentos vividos tanto pelo Brasil (que possui suas próprias mazelas), quanto a Venezuela (que vive este momento delicado em seu dia a dia), cada vez mais os cientistas sociais tentam compreender a História que está se desenvolvendo, suscitando pesquisas em várias frentes de questionamentos. Uma delas está voltada para o impacto na sala de aula de História.

2. A HISTÓRIA NA SALA DE AULA: UM NOVO OLHAR METODOLÓGICO

2.1 Rüsen e o ensino de História

Discutir as teorias referentes à construção do conhecimento histórico, demanda uma leitura profunda e articulada com novas leituras da realidade. Atualmente, tem se discutido bastante a produção do saber histórico em sala de aula, bem como o protagonismo do aluno ao se empoderar deste saber e construir sua própria narrativa e conceitos.

Neste sentido, aprender História para Rüsen (2010, p. 43) deve ser entendido como “um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem” – experiência, interpretação, orientação e motivação. Partindo deste pressuposto, é afirmado também por ele, três fatores decisivos para a construção do conhecimento histórico, sendo o primeiro a consciência histórica, proveniente de seu conhecimento prático, refletindo seu ambiente no qual está imerso, com seu tempo, configuração espacial e realidade social prática.

Em segundo, seria a historiografia, entendida por Rüsen (2010) como resultado de práticas científicas próprias. Em terceiro, o ensino de História, que como disciplina escolar, é vista por este autor como enquadradada em padrões formadores (visão iluminista). Desta forma, esta História construída em sala de aula, com sua “experiência e suas reflexões, tem função social determinante na formação da identidade das pessoas e de suas sociedades” (Rüsen, 2012, p.10).

A vista disso, a construção deste conhecimento não pode e não deve estar dissociada da realidade que cerca o aluno, promovendo uma relação dialógica entre o material proposto a eles como estudo, o professor e a própria experiência cotidiana que este aluno traz para a sala de aula, tomando consciência do lugar de fala de cada um nesta construção e contrapondo todas elas para a formação de um saber único e reflexivo de seu próprio contexto.

A consciência desta composição de saberes, fortalece o senso crítico e produz indivíduos reflexivos de sua própria realidade. Cabendo assim à História, uma função dinâmica no processo social, não um mero enfoque estático do mesmo. Corroborando com esta ideia, temos apontada consciência histórica que:

Será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação do cotidiano (Rüsen, 2010, p. 16).

Durante muito tempo, era apontada a existência de uma didática própria desta estruturação da História enquanto disciplina em sala de aula. Sendo vista, portanto, como

uma abordagem formalizada para ensinar história em escolas primárias e secundárias, que representa uma parte importante da transformação de historiadores profissionais em professores de história nestas escolas. É uma disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar (Rüsen, 2010, p. 23).

Esta visão desconsidera os saberes produzidos em sala de aula e as experiências vividas como constitutivas deste processo. Assim, este autor aponta uma necessidade de elaborar um “sentido didático da rationalidade metodológica própria à ciência como meio da formação da identidade histórica” (Rüsen, 2010, p. 23).

A didática da história tem de dedicar-se, a demais, aí além das meras descrições formais das identidades históricas e descrever as variáveis fundamentais de referência da identidade histórica. Essas variáveis tanto tem de corresponder tanto ao universalismo da noção iluminista de humanidade, como devem preservar o projeto do historicismo, de concretizar a unidade da humanidade na multiplicidade das culturas. Seria desastroso se a tendência atual da ciência da histórica a micro história impedisse a realização dessa dimensão da formação da identidade histórica, inaugurada no processo de cientificização da história pelo iluminismo e pelo historicismo (Rüsen, 2012, p. 31).

É possível apontar uma necessidade de ampliação das discussões acerca da didática e sua relação com a sala de aula de História. Rüsen (2012) já aponta este caminho em suas obras. Contudo, é afirmada também, por ele, a importância da História produzida em sala de aula, bem como a importância desta produção na formação do indivíduo. Assim sendo, Schmidt e Urban (2018, p.16) apontam para a importância de uma cultura histórica definida por Rüsen (2012) como articuladora dos diferentes elementos e estratégias da investigação acadêmica, da estética, da política, do lazer, da educação escolar e não escolar, bem como de outros procedimentos da memória histórica pública, onde a cultura histórica é vista como uma realidade elementar e geral de como o indivíduo explica o mundo e a si próprio.

Partindo desta premissa, a visão de Rüsen (2012) destaca que a História é caracterizada como agente transformador da visão de mundo por parte dos alunos. Schmidt e Urban (2018) também apontam para a necessidade de se consolidar o campo da educação Histórica, discussão que ainda suscita muitas dúvidas e

entendimentos diversos. Estas autoras corroboram, ainda, com a necessidade pujante de se separar a Educação Histórica e a História acadêmica, compreendidas por esta linha de raciocínio como produções próprias, com finalidades diferentes, não mais uma como mera transposição da outra.

2.2 A Sala de aula e a Educação Histórica

Atualmente, muitas tem sido as discussões sobre o cotidiano de sala de aula, principalmente com os debates e aprovação da Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Neste contexto, é ressaltada a autonomia do aluno como agente construtor de seu próprio aprendizado, sendo que os conteúdos escolares devem ser apresentados de forma que possam tornar-se significativos e “relacionados com a realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas” (Brasil, 2018, p. 16).

É importante salientar que essas mudanças do que é ensinado em sala de aula e os componentes curriculares não ocorreram da noite para o dia, como podemos observar com Schimidt (2010).

Em meados da década de 1980, em vários estados brasileiros, foram organizadas reestruturações curriculares. Esse momento foi marcado por discussões e debates em torno do ensino da História, os quais giravam, principalmente, sobre as novas concepções que deveriam servir de referência para os conteúdos e as metodologias de ensino. O grande marco dessas reformulações concentrou-se na perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da História e da produção do conhecimento histórico, enfrentando a forma tradicional de ensino trabalhada na maioria das escolas brasileiras, a qual era centrada na figura do professor como transmissor e na do aluno como receptor passivo do conhecimento histórico (Schimidt, 2010, p. 14).

Ainda de acordo com Schimidt (2010, p. 15), os “anos de 1990 trouxeram, nas entrelinhas, a crise da História e a possibilidade de novos paradigmas teóricos”. Ou seja, mudanças que respondessem com maior abrangência, as mudanças que passaram a ocorrer nas sociedades contemporâneas. Neste sentido, surgem mudanças curriculares e conceitos que buscam atender os novos paradigmas da História e do que é ensinado e aprendido pelos alunos no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, a História ganha importante enfoque, levando à cargo das Ciências Humanas desenvolver habilidades que aprimorem a “capacidade de promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar

sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza” (BRASIL, 2018, p. 354). Assim sendo, a História é uma Ciência Humana importante para formação de agentes sociais dentro de uma sociedade. Por isso, os professores de História têm sua responsabilidade aumentada e intransferível, já que a formação dos alunos como agentes sociais críticos parte da qualidade do que é construído dentro de sala de aula.

Por tais fatos, é necessário observar e caracterizar a História como disciplina escolar. Para isso, recorre-se a Cerri (2014), que discorre sobre os saberes escolares e consciência histórica, apontando-a como instrumento importante para dialogarmos sobre os problemas que surgem no dia a dia em sala de aula. Cerri (2014) chama atenção, a seguir, aos problemas enfrentados pela educação nacional.

Não pode ignorar a simplicidade, e ao mesmo tempo a complexidade e a multiplicidade do fenômeno da aprendizagem, nem que as condições socioeconômicas turvam o quadro que temos sobre como e por que as crianças e adolescentes aprendem ou não aprendem, como e por que deveriam ou não deveriam aprender. Deve-se ter presente sempre o endurecimento que o dia a dia da escola pública vai lentamente causando nos espíritos de seus professores, como é difícil manter aceso o idealismo, e quão esmagadoramente sedutor é o chamado por burocratizar-se, fazer parte de um batalhão de cínicos. Não se pode ignorar, ainda, que professores e alunos, por exemplo, faltam mais do que seria esperado, e no caso daqueles, o sistema educacional, tanto por benefícios funcionais quanto pelas condições de trabalho, praticamente convida a faltar. Que professores adoecem mentalmente mais do que outras profissões por causa de seu trabalho. E tantas outras mazelas [...] (Cerri, 2014, p. 111).

Cerri (2014) aponta para uma produção escolar que se constrói em meio a incontáveis dificuldades, como falta de materiais pedagógicos, que influenciam e são influenciadas pela construção deste saber escolar, onde se vislumbre a compreensão e preenchimento das lacunas que se apresentam no dia a dia dos professores em geral.

O processo de aprendizagem dentro da escola está ligado a questão do saber escolar apontado por Bittencourt (2009), que se caracteriza além da mera transposição didática, ocupando um lugar bem mais complexo que isso, visto que a própria seleção dos conteúdos escolares.

Depende essencialmente de finalidades específicas e assim não decorre apenas dos objetivos das ciências de referência, mas de um complexo sistema de valores e de interesses próprios da escola e do papel por ela desempenhado na sociedade letrada e moderna (Bittencourt, 2009, p. 39).

Partindo desta ideia, a construção deste saber escolar está inserida no próprio contexto social, econômico e cultural no qual a escola está inserida, onde observa-se, a existência de relações de poder, relações culturais e sociais. Logo, para se compreender o processo de construção deste saber escolar, é necessário analisar o contexto de sua produção, não somente as características externas que o influenciam, mas também sua própria interação com o ambiente interno. No caso do migrante, é importante observar como se dá o seu processo de introdução no ambiente escolar e as interações provenientes disso. Assim,

Este novo personagem nas salas de aula põe em questionamento a prática docente e sugere a importância de mirar o fenômeno sob um viés intercultural. Assim, analisar a literatura produzida sobre o tema é o primeiro caminho para repensar a prática docente com esses novos sujeitos no propósito de melhor entendê-los como também de contribuir para sua melhor inclusão (Soares, 2014, p.02).

Entretanto, cada um desses processos, dentro de cada escola, tem as suas diferenças e suas configurações. Neste caso, a cultura escolar torna-se configurada por relações de poder, culturais e sociais e, de certa forma, também configura essas relações (Bittencourt, 2009). Neste cenário, Cerri (2014) aborda a transposição didática e a transposição teórica, levando em conta o estado do conhecimento e o estado de quem conhece. Consequentemente, Cerri (2014) aponta para a necessidade de se levar em conta a questão do conhecimento do aluno, bem como seu o estado, isto é, como ele recebe esse conhecimento.

Outro destaque perceptível, para Cerri (2014), é o fato dessa educação escolar ter a função de tornar os saberes ali selecionados efetivamente transmissíveis e assimiláveis, exigindo um trabalho de reorganização e reestruturação de transposição didática, que por sua vez, dá origem a algumas configurações cognitivas tipicamente escolares.

Neste cenário de construção do saber escolar, o professor deve levar em conta como está o processo de aprendizagem de seus alunos. O professor deve levar em conta também o contexto em que os alunos estão inseridos para que possa conseguir transpor aquela linguagem da academia, que é mais científica, para que esse aluno dentro da escola possa produzir o próprio conhecimento. Desta forma, o saber escolar contribui com a autonomia do aluno na produção científica dentro do ambiente escolar.

Assim,

Encontrar alternativas promissoras que possam potencializar a heterogeneidade na sala de aula não só para inserir verdadeiramente os diversos sujeitos, mas também para pôr em evidência a existência de diversas culturas e o entrelaçamento delas, com vistas a minar a crença de hierarquia de culturas, intencionando findar a prática social que diminui o valor de uma cultura e, consequentemente, valoriza outra (Soares, 2014, p.02).

Existe a necessidade de que o professor e os alunos, conjuntamente, busquem compreender a realidade que os cercam, munidos da certeza de que a consciência histórica é algo inerente ao ser humano, pois todos os seres humanos têm uma história, que é contada de diversas maneiras. Por isso, não é somente o que vivemos em passados longevos e sim o que vivemos no presente e como esse presente pode ser transformado pelo indivíduo.

É consenso entre os autores desta temática, que o passado é algo que está disposto em um tempo diferente, com situações impossíveis de serem alteradas. Contudo, a visão que direcionamos a ele é do presente, com preocupações do presente, conceitos pré-estabelecidos e vivencias deste presente. Isso, sem sombra de dúvidas, afeta a forma como nos deparamos com este passado, já que até mesmo o próprio ato de questionar determinado evento, é uma curiosidade do agora.

Partindo daí, a inserção do olhar do professor sobre este migrante se apresentaria como um componente importante na construção do saber escolar em sala de aula. A luz de Cerri (2011), a consciência histórica torna-se um olhar, não as narrativas oficiais produzidas, mas uma análise da realidade vivenciadas pelas pessoas comuns. Consequentemente, os professores precisam levar em conta o que foi vivenciado pelos alunos, possibilitando ao mesmo enxergar-se como parte de uma história contada, como parte do seu ser. Assim, a História pode fazer muito mais sentido, pois não é somente uma análise de conteúdos históricos que, muitas vezes, não faz muito sentido para os alunos, que se perguntam o motivo de estar estudando determinado conteúdo. E nisso, a didática do professor precisa ser reforçada para que o aluno não se perca ou perda o interesse na disciplina proposta.

Neste sentido, explica que o professor de História ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por adução, o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar em cada aula de História, temas e problemáticas em narrativas históricas (Schmidt, 2010, p.34).

A verdade é que ensinar História passa a ser um processo em que o professor reconhece o protagonismo do aluno,

então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo. O aluno deve entender que o conhecimento histórico não é adquirido como um dom, como comumente ouvimos os alunos afirmarem. Os alunos que declaram ‘eu não sirvo para aprender História’ evidencia a interiorização de preconceitos e incapacidades não resolvidas. Ele deve entender que o conhecimento histórico não é uma mercadoria que se compra bem ou mal (Schmidt, 2010, p. 34).

A sala de aula ganha novos contornos sociais e científico, o professor não é mais o centro do saber, e sim uma peça da engrenagem que dá o suporte necessário para a construção do saber histórico. Segundo Schmidt (2010),

A aula de História é o espaço em que um embate é travado diante do próprio saber: de um lado, a necessidade de o professor ser o produtor do saber, de ser partícipe da produção do conhecimento histórico, de contribuir, pessoalmente, para isso; de outro, a opção de se tornar tão somente eco do que já foi dito por outros. A sala de aula não é apenas o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões, no qual se torna inseparável o significado da relação entre e prática, entre ensino e pesquisa. Na sala de aula, evidenciam-se, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (Schmidt, 2010 p. 34-35).

Pensando na conjuntura atual, os professores têm que lidar com mais uma dificuldade do seu dia a dia, que é o aluno migrante, que vem de uma cultura diferente do restante da sala de aula, pois o processo de aprendizagem histórico se dá por estímulos dos professores para que o aluno seja protagonista do seu aprendizado.

Por conta do que foi exposto, são necessários arcabouços teóricos e práticos para lidar com essa nova problemática da realidade de sala de aula. Dessa forma, “a consciência histórica será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no quotidiano” (Rüsen, 2019, p.16).

É importante deixar claro que os professores têm o direito de seguir a linha de pensamento teórico que proporcione avanços no aprendizado dos alunos, que são os maiores interessados no processo educacional. Por isso, é necessário que os professores tenham sempre uma espécie de carta na manga, conforme compartilha Rüsen (2019).

A didática da história, que tinha sido originalmente interpretada como uma aplicação externa da escrita profissional da história, tem adquirido um status dentro da disciplina acadêmica que lhe permite novamente facilitar e melhorar o entendimento histórico, mas agora dentro das formas acadêmicas novas e altamente racionalizadas (Rüsen, 2019, p. 26).

Ainda na linha de pensamento Rüsen (2019), os professores podendo apropriar-se da ideia de que professor, além da sua capacidade intelectual, precisam a todo momento que a sua sensibilidade esteja atenta para as habilidades socioemocionais (tanto dos professores, já desenvolvidas e/ou não, quanto dos alunos, em processo de desenvolvimento).

A educação em história pode ser definida como um processo histórico que pode ser analisado com as ferramentas teóricas e metodológicas da hermenêutica historicista. O professor tem que entender a educação como o historiador tem que entender a história – isto é, hermeneuticamente, como um tipo de texto constituído por forças humanas intencionais e contendo um sentido que pode ser decifrado, revelando as próprias intenções do leitor e as possibilidades de interação entre texto e leitor. A pressuposição dessa concepção hermenêutica, historicista é que a história é constituída pelas forças mentais, que o historiador, sendo um intérprete ativo, pode 'repensar' ou apropriar, e que guiam suas questões históricas e interpretações. Alcançar o conhecimento empírico do passado poderia levar a um insight sobre o movimento das forças do presente. Esse insight poderia permitir aqueles que adquirem conhecimento histórico viver dentro da corrente principal do desenvolvimento histórico e acomodar sua vida política a ela (Rüsen, 2019, p. 27).

Com esses argumentos, fica claro que a disciplina escolar deve ser vista enquanto produção coletiva das instituições de ensino. A pedagogia, por sua vez, não pode ser vinculada como uma atividade “limitada a produzir métodos para melhor transpor conteúdos externos, simplificando da maneira mais adequada possível os saberes eruditos ou acadêmicos” (Bittencourt, 2009, p. 49). Para colaborar com o entendimento desta consciência histórica, Cerri (2011) estabelece um contraponto ao que Rüsen (2001) e Heller (1993) afirmam sobre a temática:

Mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle: a transformação, através do presente, do que está por vir no que já foi vivido, continuamente. Embora seja teoricamente imaginável estar na corrente temporal sem atribuir sentido a ela, não é possível agir no mundo sem essa atribuição de sentido; como deixar de agir também parte de uma interpretação, na prática também não há opção de atribuir ou não significado ao tempo que passamos ou que passa por nós (Cerri, 2011, p. 28).

Neste ponto, Heller (1993) e Rüsen (2001) defendem que o pensar historicamente é um fenômeno antes de mais nada cotidiano e inerente à condição humana. Pode-se inferir que o pensamento histórico, vinculado a uma prática disciplinar no âmbito do conhecimento acadêmico, não é uma forma qualitativamente diferente de enfocar a humanidade no tempo, mas sim uma perspectiva mais complexa e especializada de uma atitude que, na origem, é cotidiana e inseparavelmente ligada ao fato de estar no mundo.

A base do pensamento histórico, portanto, antes de ser cultural ou opcional, é natural: nascimento, vida, morte, juventude, velhice, são as balizas que oferecem aos seres humanos a noção do tempo e de sua passagem. Pode-se imaginar como será gratificante ensinar ou abordar a História regional ou como o aluno de outra nacionalidade se encaixa nessa História sobre a perspectiva da consciência histórica.

Com o que foi apresentado, anteriormente, é evidente que a consciência histórica é importante para a prática do professor, pois a sua sensibilidade para compreender a cada momento histórico torna-se primordial para a sua intervenção no acolhimento do aluno migrante e, consequentemente, para o seu aprendizado.

Nesta visão de Rüsen (2001), fica claro o real propósito de se ensinar História, por trazer à luz as intenções por traz do ensino de História, o que torna o processo mais consciente e dinâmico. Partindo desta consciência, buscar a visão do aluno migrante venezuelano é de extrema importância para a compreensão destes vários processos.

Porém, temos que salientar que o ensinar História é uma mão de duas vias, pois ao mesmo tempo que os professores estão estimulando o aprendizado histórico estamos aprendendo. Neste sentido, a sensibilidade dos professores para perceber ou entender os processos de aprendizado do seu aluno torna-se importante para que o ensino da História e a própria História façam sentido para aqueles que devem ser os verdadeiros protagonistas da História.

3. A SALA DE AULA E OS COTIDIANOS DA DOCÊNCIA

Para além dos atuais debates metodológicos acerca do ensino de História em sala de aula, surgem desafios que demandam engajamento e atenção do professor. Bittencourt (2018, p.16) relata que “é neste contexto complexo, contraditório, carregado de conflitos de valor e de interpretações, que se faz necessário ressignificar a identidade do professor”.

Essa construção e reconstrução de identidade perpassa por incontáveis provocações e situações adversas. Uma delas, aqui destacada, é a questão migratória, que oferece um fator a mais de contradição, valores e identidades a esta sala de aula, que já é tão diversa e carregada de muitos contextos e significados.

3.1 Sala de aula e a migração

Ao observar esse migrante inserido no processo escolar, Soares (2014) apresenta o seguinte pensamento:

A emergência de novos sujeitos nas escolas provoca a necessidade de rever o significado da nossa prática pedagógica. Quando os novos sujeitos são imigrantes é importante rever o significado da imigração e compreendê-la dentro do contexto da escola, crendo esta como a instituição que apresenta a cultura do país receptor (Soares, 2014, p. 01).

Neste sentido, Soares (2014) aponta para a necessidade de que sejam revistas as práticas pedagógicas muito além do próprio processo migratório, mas também do ponto de vista do contexto escolar no qual está inserido. Essa realidade pode ser associada as mudanças que o contexto migratório de Roraima passou nas últimas décadas.

Desde 2015, por exemplo, em minha atuação como o professor da educação básica, na rede pública de ensino, pude presenciar a inserção de alunos de nacionalidade venezuelana, gerando-me inquietações ao tentar compreender a inserção destes migrantes no cotidiano escolar da disciplina de História. Como os professores de História estão conseguindo lidar com toda a diversidade advinda do processo migratório de venezuelanos em Roraima? Eles realmente estão conseguindo lidar com tudo isso? Quais metodologias de ensino de História passaram a ser utilizadas em sala de aula? Quais redes de apoios lhes estão disponíveis?

Partindo desta inserção, surgem mais indagações sobre como ocorre o processo de escolarização dos migrantes venezuelanos em Roraima? Como já exposto, a partir de 2015, as escolas roraimenses tiveram mudanças no perfil dos seus alunos. Enquanto professor de História da rede pública de ensino na educação básica em Roraima, percebi essa mudança, no ano citado, na Escola Estadual América Sarmento Ribeiro, localizada em Boa Vista, no bairro Senador Hélio Campos.

Em 2017, solicitei transferência para a Escola Estadual Jesus Nazareno, também com localização em Boa Vista, precisamente no bairro Caranã, onde atuei como professor até 2022. Nesta escola, foi possível observar o aumento gradual no número de alunos venezuelanos ao longo dos últimos três anos. Inclusive, foi um número bem maior se comparado ao que foi observado na Escola Estadual América Sarmento Ribeiro, onde lecionei de 2010 a 2016.

Nessa perspectiva, é importante fazer uma breve contextualização sobre o perfil dos estudantes venezuelanos, que tive contato enquanto desempenhava a função de professor de História. Os alunos venezuelanos, que estudaram na Escola Estadual América Sarmento, pertenciam a classe média quando ainda residiam no seu país de origem. Essa característica é interessante, pois estes alunos possuíam o desejo de conhecer uma nova cultura, no caso a cultura brasileira. Mas sempre com o desejo de retornar junto com a família ao país de origem.

Com o passar dos anos e com o aumento do número de migrantes venezuelanos em Roraima, o perfil dos estudantes venezuelanos foi mudando. No caso dos estudantes venezuelanos da Escola Estadual Jesus Nazareno, a título de exemplo, não era mais “só passar uma chuva”, como os roraimenses definem quando algo é de caráter provisório até se encontrar uma solução definitiva para algum problema. O pensamento dos estudantes venezuelanos ou dos membros de suas famílias era de trabalhar, se estabelecer no Brasil ou migrar para outro país, conforme fosse possível com suas posses financeiras.

No geral, os alunos venezuelanos são como qualquer outro aluno. Cada aluno com suas particularidades, tendo como característica principal a timidez. Talvez, a resposta para essa constatação seja pela falta de domínio da Língua Portuguesa. Essa barreira da língua, muitas vezes, era vencida com a tecnologia do celular para auxiliar na tradução das atividades propostas pelos professores. É importante mencionar que, no período da pandemia da Covid-19, foi muito difícil para os alunos brasileiros, que ficaram isolados em casa e foram prejudicados no seu aprendizado.

Se imaginarmos a realidade dos estudantes venezuelanos, como os professores de História passaram a lidar com tudo isso? Como eles buscaram superar as dificuldades de aprendizagem em História na pandemia de Covid-19, com o ensino remoto, e com o retorno das aulas presenciais? Nesse sentido, este estudo buscou entender as barreiras encontradas pelos professores na inserção de alunos migrantes venezuelanos no ensino público do estado de Roraima, especificamente na Escola Estadual Jesus Nazareno de Souza Cruz e escolas adjacentes da Zona Oeste de Boa Vista, nos anos de 2015 e 2022. Foi importante para compreendermos o momento histórico da presença de estudantes venezuelanos nas escolas roraimenses.

É importante reforçar que o marco temporal do estudo contemplou o período de 2015 a 2022 por eu ser professor na Escola Estadual Jesus Nazareno de Souza Cruz desde 2017. Além disso, esse ano foi marcado pelo aumento da chegada dos venezuelanos em Roraima e pela presença de estudantes venezuelanos na escola e em outras escolas da mesma zona.

No geral, as reflexões desenvolvidas por esse estudo poderão contribuir com o aprimoramento de políticas públicas, que visam melhorar e atender as necessidades dos migrantes venezuelanos e professores de História no âmbito da educação, seja de qual for a nacionalidade. Esse pensamento é reforçado por Bittencourt (2009) e Dupas (2018), que nos possibilitam o entendimento do quanto complexa pode ser a inserção de alunos migrantes no contexto da sala de aula de História.

3.2 Os impactos da migração venezuelana na sala de aula de História

Um dos espaços sociais que vem sentido a presença de novos atores sociais é a escola e o ensino de História se obriga a compreender os novos elementos que devem ser levados em conta no dia a dia escolar. O contexto mencionado nos remete a Dupas (2018, p.13) que, ao se tratar de migrações, destacou que se faz necessário “abordar as questões de espaço físico, social, econômico, político e cultural, não há como tratar apenas de estatísticas e leis. São pessoas que buscam o seu reconhecimento social, não são números ou apenas força de trabalho”. É fundamental o reconhecimento de que somente os dados estatísticos não seriam capazes de retratarem sozinhos as dinâmicas e dificuldades vividas em sala de aula diante da situação de migração venezuelana intensa, que o estado de Roraima vem recebendo. Tal fato aumenta as inquietações surgidas, pois o tema migração mostra-se

necessário diante dos desafios que professores lidam diariamente no seu cotidiano de sala de aula, onde a troca de experiências pedagógicas se mostra pertinente na medida que é inerente ao ser humano evoluir com outras experiências sociais do seu tempo ou do passado.

Outra arguição vivida, no âmbito acadêmico, foi em 2018, quando fui convidado por uma equipe da Ordem dos Advogados do Brasil da seccional de Roraima (OAB-RR), para ministrar uma palestra sobre a História dos Direitos Humanos, na Escola Estadual Major Alcides, localizada na capital Boa Vista-RR. Essa palestra foi importante para compreender que os Direitos Humanos e o fenômeno da migração internacional estão associados, principalmente, pelo momento histórico que o estado de Roraima está inserido. Como já foi exposto em outros momentos desta dissertação, Roraima se tornou uma das portas de entrada para os venezuelanos, com maior evidência a partir do ano de 2015.

Competência específica 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. Promovendo o diálogo acerca das diferenças étnicas que formam o povo roraimense e que promovem a riqueza da sua cultura (Roraima, 2021, p.14).

O momento mencionado foi fundamental para que eu percebesse, enquanto professor de História, a importância de abordar, em sala de aula, a temática dos Direitos Humanos, em que puder dar ênfase a valorização da identidade cultural de cada indivíduo a partir do pressuposto de que todos são sujeitos de direitos, independentemente de qualquer nacionalidade. Daí, surgiram mais abordagens a serem consideradas. No processo de observação do contexto migratório venezuelano, pude perceber o que afirma Dupas (2018, p.14): “não é possível fazer a análise legal sem considerar o aspecto sociológico e histórico apresentados e que indicam que por meio da luta moralmente motivada e do reconhecimento na esfera jurídica [...]”.

Nessa linha de raciocínio, Dupas (2018) aponta para a necessidade de uma abordagem mais profunda, afirmando que somente as conquistas legais transcritas na Lei de Imigração, por si, não garantem a real inclusão, sendo este processo bem mais complexo e digno de análise, suscitando incontáveis indagações. Afinal de contas, o que motiva uma pessoa a sair do seu país?

Se propormos um questionário aos migrantes venezuelanos para sabermos a resposta, talvez a maioria dos entrevistados responderiam: a busca de uma nova

oportunidade de vida. Por isso, o ponto central deste trabalho foi a análise migração venezuelana no estado de Roraima e as complexidades desta para no ensino de História, buscando o olhar do professor de História sobre o processo.

Para tanto, foram observados os seguimentos do Fundamental II e Ensino Médio regulares, na Escola Estadual Jesus Nazareno de Souza Cruz, em que estou lotado como professor de História. Esta pesquisa teve uma amplitude maior devido a necessidade ouvirmos como outros professores de História da zona Oeste de Boa Vista conseguem desenvolver metodologias de ensino, que visem inserir os alunos migrantes venezuelanos como protagonistas da sua História, dando ênfase a trajetória migratória de cada um.

Esse direcionamento se justifica pelo pressuposto de que o aluno tem sua própria história e para comprehendê-la precisa analisar o movimento que fez até chegar em uma escola da cidade de Boa Vista, capital de Roraima. Esta delimitação espacial, pode atender, em partes, a necessidade apontada por Dupas (2018) de se observar as conjunturas sociais, políticas, econômicas, entre outras, que envolvem o processo migratório, observado em suas relações nas aulas de aula de História.

Por sua vez, o ensino de História também vem passando por reformulações, principalmente em decorrência dos atuais debates metodológicos. Sobre isso, Bittencourt (2009, p. 99) afirma que “cabe analisar com rigor metodológico os novos rumos projetados pelo currículo para se puder discernir o que efetivamente está em processo de mudanças e como atualmente ocorre a “seleção cultural” do conhecimento considerado essencial para o aluno”. Essa discussão ou reformulação curricular mostra-se relevante para que os professores consigam, de fato, ultrapassar as práticas tradicionalistas do ensino que não percebe o aluno agente do seu aprendizado em sala de aula.

Partindo deste pressuposto, a base cultural exerce um fator importante no curso destas escolhas e abordagens, sendo esta, talvez, mais uma barreira a ser enfrentada pelo migrante em seu processo de ensino em outra nação, com uma nova bagagem cultural a ser considerada (além da sua própria), pois a sua própria identidade não pode ser esquecida por estar em um outro ambiente cultural.

Todos estes aspectos reforçam que a História da humanidade está marcada por incontáveis movimentos migratórios, seja por fatores climáticos, econômicos, político ou por guerras. Nesse contexto, analisar suas particularidades é extremamente complexo. Consequentemente, no contexto escolar, essas

complexidades afloram em inúmeros aspectos, sendo necessário compreender os movimentos migratórios sob a ótica desta complexidade, pois de alguma maneira este fenômeno modifica as estruturas existentes de cada local ou região.

Diante disso, o processo pode ser extremamente difícil para o professor, que está na linha de frente desta mudança. Como ele vem lidando com tudo isso? Quais são os desafios impostos diante da realidade apresentada? Quais as metodologias de ensino utilizam em sala de aula? Todos estes questionamentos se apresentam, de forma significativa, para o novo cenário educacional que Boa Vista enfrenta diante do processo migratório venezuelano, sendo necessário buscar o peso que este processo migratório agrega à nossa História Local.

Contudo, o país não é novo em se tratando de processos migratórios. É preciso considerar, nesse mesmo contexto, que a História brasileira, nos períodos colonial e imperial, já era marcada pela presença de africanos escravizados, que representavam no Brasil uma migração forçada e a duras penas conquistaram sua liberdade, em 1888.

Há, também, outro fenômeno, que marca a História brasileira, que é a migração espontânea. As suas causas foram decorrentes de problemas políticos, econômicos, entre outros fatores. De um modo geral, Dupas (2018) aponta para a compreensão de que tanto a migração forçada quanto a migração espontânea, no Brasil, foram e são fundamentais para o enriquecimento da cultura brasileira em diferentes períodos, o que não seria diferente no espaço da sala de aula de História.

Dupas (2018) também discorre sobre a evolução da legislação brasileira acerca do tema migração internacional, principalmente no que concerne aos direitos humanos, apontando que nem sempre os direitos humanos dos migrantes foram respeitados no Brasil. Ao longo da História brasileira, não existiram muitos mecanismos legais, que defendessem o migrante de algum tipo de abuso aos seus direitos mais elementares. Ao nos debruçarmos sobre o tema da migração na História do Brasil, passamos a ter a impressão de que o migrante internacional não possuía o mesmo status que o nacional. Isso possibilitava que fossem tratados como cidadão de segunda classe. Esse entendimento é reforçado por Dupas (2018) no seguinte pensamento:

as relações sociais não mudam automaticamente por meio da legislação, e há em nosso país um histórico legal e social de desrespeito ao imigrante que tem a tendência de ser amenizado, dando à nação a característica de ser receptiva e acolhedora, o que por vezes não é real (Dupas, p. 15, 2018).

Fazendo um contraponto dialógico com Bittencourt (2009), ao analisar as complexas relações existentes no ensino de História em sala de aula, é possível perceber que esta condição de migrante seria um ponto a mais na complexidade desta relação. Dupas (2018, p. 15), quando analisa a Lei n. 13.445/2017, conhecida como a nova lei de migração, deixa claro que não basta somente as normas federais para garantir direitos básicos ao migrante internacional. O poder público precisa criar meios para que o migrante seja integrado, respeitando sua cultura e sua história. Tem que ser salientado, neste caso, que a legislação que visa garantir a cidadania aos migrantes internacionais é recente.

Nem sempre o Brasil garantiu a cidadania plena, que aqui chegaram. Esse entendimento é reforçado com base na Constituição Brasileira, pois o constituinte de 1988 achou importante garantir em lei a proteção aos migrantes. Logo, podemos concluir que não havia meios legais garantisse a proteção legal aos migrantes que aqui chegava. O artigo 5º passou a expressar que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança [...]” (Brasil, 1988).

Um fato importante e relevante na História do Brasil, é que a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, visa reforçar os direitos inalienáveis aos estrangeiros, que significa que os direitos fundamentais para dignidade humana não podem ser cedidos voluntariamente por ninguém ou tirados por outra pessoa. Diante de tal situação, Souza e Silva (2006, p. 17 e 18) apontam que os processos migratórios desempenham um importante papel na História Local, sendo a população roraimense composta de pessoas que migraram de outras partes da federação brasileira, oriundas, em sua maioria, da região Norte e Nordeste do Brasil.

3.3 Currículo escolar e memória

O Estado de Roraima faz parte da Amazônia Legal Brasileira, ou seja, localizada na região mais ao Norte do Brasil. É o espaço físico que possui maior dimensão em relação as outras regiões do Brasil. Em algumas regiões amazônicas,

só é possível o deslocamento de pessoas através de embarcações nos rios ou aeronaves. Em algumas localidades, os deslocamentos por embarcações duram até 05 dias e isso depende do tipo de embarcação (Oliveira Neto; Nogueira, 2019).

Neste sentido, tudo é mais difícil para determinadas comunidades amazônicas, por isso mesmo sofre dos mesmos problemas amazônicos como um todo, ou seja, as distâncias de algumas localidades até a capital mais próxima torna-se um problema dependendo do meio de transporte disponível para as pessoas deslocaram-se.

O mais grave é que, muitas vezes, na maioria dos materiais didáticos fornecidos pelo poder público a História da Amazônia não é citada em contexto histórico nacional, e a História de Roraima que nenhum livro didático produzido pelos grandes centros é mencionado, pelo menos eu não me recordo de algum livro didático tratando da História de Roraima. Isso é um fato de fácil comprovação, pois nenhum livro didático da rede pública estadual de Roraima menciona a História de Roraima.

O Documento Curricular de Roraima (DCR) é norteador das diretrizes do ensino básico para o estado de Roraima. Tal documento contempla as particularidades regionais e locais acerca do currículo histórico. Contudo, a escassez de materiais e fontes de História Local (apropriada ao nível de leitura dos alunos), ainda permanece como fator limitante ao desenvolvimento dessa prática, apesar de haver muita escrita histórica no âmbito acadêmico.

No geral, a escrita histórica acadêmica não é acessível aos estudantes e a professores da rede pública, muitas vezes são os professores que precisam fazer produzir o próprio conteúdo didático para abordar a História de Roraima em sala de aula. Desta forma, é compreensivo que muitos professores citam algum tipo de dificuldade em situar a História local no contexto amazônico e com a inserção do aluno migrante o currículo escolar precisa ser pensado para inserir esse novo ator social no espaço amazônico.

Para nos ajudar nessa reflexão, um momento histórico que sempre chama atenção em sala de aula, é a Segunda Guerra Mundial, sentida pelo mundo todo. Além de possuir um vasto material didático para ser trabalhado em sala de aula (como documentários, filmes, entrevistas com ex-combatentes desse evento, livros, revistas, etc.), também estimula a curiosidade e interesse dos alunos. Este tema possui uma riqueza infinidável, podendo ser relacionado com vários aspectos da história brasileira e até mesmo com a História amazônica, em se tratando da produção de borracha.

Contudo, os materiais oficiais disponibilizados, como os livros didáticos, (enfocando a participação brasileira com o envio da FEB, Força Expedicionária Brasileira), muitas vezes não abordam a importância da Amazônia para o mesmo evento histórico. Alguns livros didáticos, mencionam a importância do soldado da borracha e outros nem isso mencionam, o que, sem dúvida, corrobora com o pensamento que a maioria do Brasil tem sobre a Amazônia, onde:

A ideia de Amazônia como um ambiente singular, exótico, intocável culturalmente, místico e fantástico é uma consequência do desfecho histórico do qual fomos submetidos, onde estrangeiros (portugueses, espanhóis, holandeses, etc.) advindos das viagens marítimas e colonizadoras disseminavam interpretações sobre este território. Inclusive, as literaturas mostravam o contexto amazônico como um extraordinário universo verde, envolvido por mistérios e elementos sobrenaturais, que despertava sentimentos de medo e curiosidades (Mendes Junior; Pizarro *apud* Nascimento, 2023, p. 03).

Para o mesmo autor já citado, essa visão passada por gerações, foi influenciada pelos colonizadores e viajantes que passaram pela região:

Em pleno século XXI ainda percebemos essas concepções, muitos conhecem o contexto amazônico sob a ótica dos colonizadores. Nesse sentido, o desconhecimento a respeito da diversidade e riqueza cultural tem contribuído com preconceitos e estereótipos. Nessa perspectiva, Adiche (2009) nos diz que somos impressionáveis e ao mesmo tempo vulneráveis perante a história. As pessoas são ansiosas para contar nossas muitas histórias, entretanto o problema não é só contar, mas de como contar e fazer a história. Nessa perspectiva, a autora ressalta: “Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (Adiche *apud* Nascimento, 2023, p.03).

A citação anterior, aponta a lacuna que existe nos livros didáticos, que são na maioria das vezes a principal ferramenta utilizada no ensino de História. Não contempla a Amazônia como deveria e, nesse sentido, obriga os professores a saírem de sua zona de conforto, cabendo-lhes preencher essa lacuna. Porém, não podemos esquecer que o Brasil possui proporções continentais e, por isso, os brasileiros vivem realidades ou contextos diferentes em cada região do país ou espaço político que contemple o lugar que os indivíduos estão fazendo História.

Imagine o(a) professor(a) do Rio Grande do Sul, abordando a Amazônia no contexto da Segunda Guerra Mundial. Certamente a realidade desse professor(a) é diferente do(a) professor(a) que vive na Amazônia, que, em tese, possui muito mais arcabouço teórico para aborda o tema proposto. Entretanto, esta premissa não se confirma na prática, pois se fizermos uma pesquisa com os professores que vivem na

Amazônia, muitos apontaram dificuldades em abordar o tema, visto que a realidades de muitas regiões da Amazônia é somente o livro didático. Outro obstáculo, é o próprio perfil do(a) professor(a) que prefere não aprofundar determinados temas amazônicos porque esbarra em alguma dificuldade, talvez por causa do afastamento de grandes centros urbanos. Por isso, os livros didáticos possuem uma profunda importância no dia a dia escolar.

Nesse contexto apresentado, os currículos escolares possuem significativa importância para os estudos amazônicos, pois apontam um norte para os professores em geral, porém os próprios currículos elaborados contêm deficiências em suas elaborações como a pontar:

a existência do currículo no âmbito escolar transcende o simples sentido de referência e direcionamento de ações que norteiam o ensino e aprendizado, pois envolve diferentes concepções, interesses e agentes sociais, que influenciam na produção de conhecimentos e subjetividades. Diante disso, o currículo não é neutro devido ser composto por intenções que são materializadas no trabalho pedagógico; e também, é condicionado pelos mesmos sujeitos que educa, visto que, o currículo é uma produção social, ou seja, as pessoas que são instruídas por ele, serão responsáveis pela sua elaboração. Nesse processo, novos desejos e saberes serão a inspiração dos projetos curriculares. Ademais, o currículo é cultura e modifica-se no decorrer dos anos no movimento de (re)produção (Nascimento, 2023, p. 06).

Por último, a memória como introdução em determinados temas, sobretudo na região amazônica, é um recurso didático que pode ser explorado pelos professores em sala de aula. Uma experiência didática que vivi, em sala de aula, cabe no tema de memória. Para conseguir um pouco mais de entusiasmos dos meus alunos, comecei a falar de assuntos aleatórios do nosso cotidiano e quando percebemos estávamos comentando certos temas de um anime japonês (*One Piece*, que está encantando milhares de pessoas pelo mundo todo a quase trinta anos), que aborda vários temas interessantes, sociológico, filosófico, psicológicos e histórico, e um deste foi “o século perdido”.

O referido anime retrata cem anos apagados da memória das pessoas e, consequentemente, de qualquer documento oficial. Por isso, existia uma grande lacuna da História que não foi preenchida, sendo que o “governo mundial” queria de todas as formas que a verdade não fosse revelada. Neste sentido, poderíamos levantar várias hipóteses e uma delas era este assunto deveria conter uma grande vergonha para aqueles que estavam no poder político daí o enorme esforço daqueles que estavam governados para apagar o passado. Enfim, eram questionamentos que

eram feitos sobre a importância da História e como a memória das pessoas eram importantes para compreendermos o passado.

Então, sugeri uma atividade para os meus alunos do ensino médio para que estes produzissem vídeos com temas da História de Roraima. Essa atividade tornou-se tão interessante, que continuei a utilizando a metodologia por alguns anos. Inclusive, uma ex-aluna do ensino médio, que estava finalizando o ensino médio, gostou tanto do ofício do historiador, que após estudar por um ano psicologia, trocou pelo curso de História e hoje é uma colega professora.

Desta forma, cabe destacar a importância da construção da memória nacional e local, fazendo referência às intenções por trás desta construção (o que é dito) e a riqueza de informações deixadas de lado (o não dito). Este debate suscita até mesmo uma nova visão acerca da própria História, pois desperta a curiosidade sobre os não ditos nos livros didáticos e as vivências cotidianas de determinados períodos históricos. Enfim, estabelece uma ruptura com a ideia de verdade absoluta na construção histórica e fortalece a ideia de discursos e visões, que partem de um tempo presente, cheio de intenções e razões que o movem.

Assim, criando um vínculo com esta memória, é possível estabelecer uma linha de raciocínio que proporciona um debate mais amplo acerca de diversos temas, gerando ainda uma infinidade de curiosidades que despertarão até mesmo o protagonismo do aluno. Com isso, o aluno buscará preencher de forma mais autônoma as lacunas de seu entendimento, podendo até mesmo compartilhar suas experiências com os demais e estabelecer uma rede maior de informações acerca de determinados temas históricos ou fatos que está contido na sua realidade.

A exploração da memória pode ser muito rica em diversos aspectos, trazendo visões e perspectivas diferenciadas, possibilitando até mesmo uma visão mais crítica da História e dos próprios materiais didáticos. À medida que deixa claro que cada visão de um determinado acontecimento, é pautada pelas preferências e características de quem o descreve. São infindáveis possibilidades e abordagens que podem ser suscitadas apenas ao se trabalhar com a memória, mas creio que a maior delas é a importância deste entendimento pelos alunos, visto que abre à sua frente um leque de possibilidades que, muitas vezes, ele não se dá conta ainda na escola, observando não somente os discursos, mas também a intenção que os move.

Imagine o professor em sua sala de aula, ouvindo os relatos dos alunos migrantes da Venezuela, descrevendo a sua chegada no Brasil, dos relatos de

pessoas que percorreram mais de 200 Km a pé até chegarem na capital Boa Vista RR, até o processo de sua matrícula em uma escola do estado. Talvez, desta forma, os alunos se reconheceriam como os verdadeiros protagonistas de suas histórias.

Este reconhecer-se a si mesmo, é de extrema importância para a formação de um indivíduo realmente crítico e participativo de sua realidade. Além de tornar o processo de aprendizagem muito mais dinâmico e participativo, este aluno ao se empoderar da busca pelo conhecimento, transforma-se em um indivíduo mais autônomo e crítico de seu processo de construção de conhecimento.

Outro aspecto interessante nos é dado pelos argumentos de Barash (2012), elucidando a importância da memória para a identidade nacional, ou mesmo regional, pois o que liga as pessoas a uma determinada região são vários fatores como a língua, o sotaque, o governo, fronteiras e, sobretudo, o sentimento de pertencimento de uma nação. Neste sentido, a identidade nacional é construída através da memória coletiva e sua História.

O que é a memória coletiva? À primeira vista, esse fenômeno reagrupa não apenas um grande número de fenômenos, mas igualmente fenômenos que se situam em diferentes níveis da experiência. Pode tratar-se, por exemplo, da experiência de um grupo restrito – quer seja uma família, uma classe escolar ou uma associação profissional. As lembranças são então relativamente simples, pode ser também um acontecimento importante que tenha marcado a vida de um grupo tão bem que os membros se lembrarão dele durante toda sua vida. Em outro nível, podemos evocar as lembranças, que os grupos mais amplos partilham e que marcam, fundamentalmente, a identidade pessoal de cada um, ainda que revelem práticas coletivas bem mais antigas que cada um dos membros do grupo. Como tais são as práticas políticas ou religiosas, regidas por sistemas de significação simbólica (Barash, 2012, p. 68).

A partir desta compreensão, o aluno pode se atentar mais aos discursos que o cercam, o que move estes discursos, pode analisar suas próprias particularidades em relação à riqueza cultural do país, para a partir daí, construir sua identidade de forma mais consciente destas intervenções e influências que o cercam. Compreender não só os discursos trazidos por esta memória, mas como somos influenciados por ela, enriquece nossas percepções e nos ajuda a compreender e interagir melhor com o ambiente que nos cerca. Possibilita também uma visão menos preconceituosa de alguns fatores, já que se reconhecer enquanto indivíduo, ajuda também a reconhecer o outro.

Com base nesse argumento, podemos perceber a importância da memória para a construção da identidade nacional ou regional de terminados grupos sociais. Em sala de aula, os professores de História ganham uma ferramenta importante para

que o aluno possa compreender melhor o espaço que ele vive e produz sua identidade cultural. Consequentemente, ele consegue se enxergar como protagonista de sua própria História. Com isso, a História ganha novas roupagens para os alunos em geral e o professor saia de sua zona de conforto, pois temos que utilizar os meios necessários para que a História tenha um verdadeiro sentido ou significado para os alunos.

Com base nessa reflexão, o professor de História precisa estar atento para os currículos produzidos pelo Estado, e a memória dos alunos como um todo, independente se é migrante ou não, se percebam como protagonistas de sua História e como essa História é importante para sua formação intelectual e cidadã.

4. DADOS DA PESQUISA

De acordo com os dados da Secretaria de Estado da Educação e Desportos (SEED/RR), o número de alunos com origem da Venezuela em 2015, foram matriculados no total de 110 alunos, em todas as modalidades do ensino: anos iniciais (1º ao 5º ano), anos finais (6º ao 9º ano), ensino médio (1º ao 3º ano) e Educação de Jovens e Adultos – EJA (1º, 2º e 3º segmentos).

Em 2022, esses números transformaram-se em 8.136 alunos em todos os seguimentos do ensino. Pelo gráfico cedido gentilmente pela Secretaria de Estado da Educação e Desportos (SEED-RR), pode ser percebido o aumento considerável de alunos matriculados, em comparação de ano a ano até 2022. Os números indicam que há uma necessidade de atender uma demanda que aumenta todos os anos. Ou seja, o número crescente de alunos migrantes venezuelanos nas escolas públicas do estado de Roraima é uma realidade que não pode ser tratada como algo corriqueiro no dia a dia da sala de aula. Dada a situação, o poder público e os professores, em geral, devem estar preparados para as dinâmicas que se apresentam no sacerdócio do(a) professor(a).

Recordo de um fato ocorrido em uma de minhas turmas do ensino fundamental, um aluno venezuelano apresentava dificuldades em seu aprendizado, pois a escrita do português era um desafio grande para ele. O jovem também possuía dificuldade na escrita de sua língua materna. Neste caso, a solução foi o encaminhamento para alfabetizá-lo na Língua Portuguesa, porém não é um processo tão simples de só encaminhar para aulas de reforço, pois cada aluno possui suas particularidades que afetam sua produção e por isso é importante conhecer a realidade de cada aluno no seu dia a dia para que a escola, professores e o poder público possam adotar estratégias que visam a inclusão e o melhor acolhimento de cada aluno no ambiente escolar.

Este é apenas um dos exemplos das complexidades que os professores e as escolas precisam resolver, já que a educação é um direito de todo ser humano. Neste sentido, nos debruçaremos sobre os dados cedidos pela SEED. Em seguida, será analisado a pesquisa em forma de questionário com os professores de três escolas da Zona Oeste da capital Boa Vista.

Os dados fornecidos pela SEED revelam que esta necessidade de letrar o aluno na Língua Portuguesa, é observada em todos os seguimentos, com diversas

faixas etárias e anos/séries diferentes. Sendo deste total, um percentual significativo, composto por crianças e adolescentes. Quanto ao seguimento do ensino médio, o número de alunos migrantes matriculados também é bastante significativo, sendo inferior apenas aos matriculados no ensino fundamental (anos finais).

Para o devido esclarecimento, o entendimento da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA), em seu art. 2º, considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Portanto, logo no início dos números apresentados pela SEED, podemos perceber que a cada ano o número de migrantes de origem venezuelana vem aumentando nas escolas públicas do estado de Roraima.

Imagem 01: INFORMAÇÕES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO – DESTAQUE MATRÍCULA DE ALUNOS VENEZUELANOS – ANOS: 2015-2022

ESTADO DE RORAIMA
"AMAZÔNIA: PATRIMÔNIO DOS BRASILEIROS"
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DESPORTOS – SEED/RR
 Gerência de Avaliação e Informações Educacionais – GAIE/SEED/RR

INFORMAÇÕES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO – DESTAQUE MATRÍCULA DE ALUNOS VENEZUELANOS – ANOS: 2015/2022

Ano Letivo	Nº de Escolas	Nº de Alunos da Rede de Ensino	Matrícula Alunos Venezuelanos	Educação Básica									
				Etapas de Ensino						Modalidades de Ensino			
				Ensino Fundamental		Ensino Médio (1ª à 3ª Série)		Educ. de Jovens e Adultos - EJA (1º, 2º e 3º Segmentos)		Educ. Especial			
				Total	Venezuelanos	Total	Venezuelanos	Total	Venezuelanos	Total	Venezuelanos	Total	Venezuelanos
2015	382	72.918	110	8.724	4	34.307	56	19.923	35	8.821	13	1.143	2
2016	380	70.168	144	8.193	1	33.729	71	18.826	34	8.254	37	1.166	1
2017	382	71.742	359	7.719	9	34.534	191	19.369	106	8.891	51	1.229	2
2018	383	72.471	1.417	7.836	26	37.392	894	18.872	376	7.031	110	1.340	11
2019	374	75.386	4.123	7.970	98	38.055	2.690	20.199	1.126	7.664	168	1.498	41
2020	369	77.412	5.879	7.829	120	38.576	3.649	21.363	1.638	7.952	408	1.692	64
2021	346	77.313	6.404	6.869	142	37.810	3.739	23.422	1.942	7.449	506	1.763	75
2022	368	78.911	8.136	8.296	166	37.407	4.819	25.179	2.416	6.148	634	1.881	101

Fonte: Sistema Educacenso/Censo Escolar da Educação Básica 2015 a 2022.

Boa Vista – RR, setembro de 2023.

GERÊNCIA DE AVALIAÇÃO E INFORMAÇÃO EDUCACIONAL

Rua Barão do Rio Branco, 1495 – Centro, CEP 69.301-130
E-mail: gaie@educacao.rr.gov.br estatisticarr@inep.gov.br

FONTE: Roraima, 2023.

Foi aplicada uma pesquisa qualitativa com 04 professores. Porém, a mesma possuía um alvo de participação de cerca de 09 professores. Deste total de docentes, foi solicitado e acordado com eles, o preenchimento do questionário de pesquisa pelo google formulário. Contudo, apenas 04 professores responderam. Após algumas tentativas de contato sem retorno positivo, e partindo do pressuposto de que a participação era voluntária, foram consolidadas as informações de pesquisa apenas com os 04 colaboradores que se dispuseram, visto que compunham 03 escolas da zona Oeste de Boa Vista-RR, objetivadas pela pesquisa.

Minha proximidade com a zona Oeste da cidade de Boa Vista, norteou a escolha desta área como foco de pesquisa, pois ao longo dos anos de docência nesta localidade, foi possível observar na prática do dia a dia, este aumento considerável do número de migrantes venezuelanos na escola que eu me encontrava lotado como professor titular.

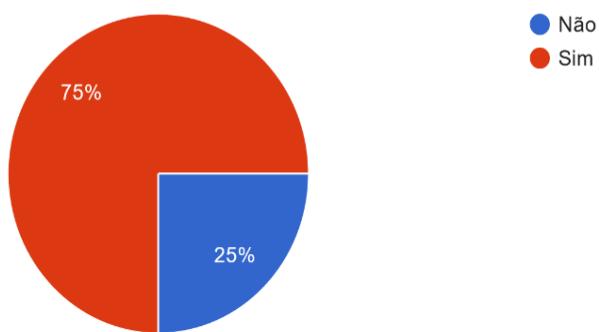
Quanto aos 04 professores que responderam ao questionário, o quantitativo não era o almejado inicialmente. Mas atende aos pressupostos de pesquisa, pois oferece uma amostra de 03 escolas da área em análise (total de escolas definidas inicialmente), sendo que pelo menos um(a) professor(a) de cada escola respondeu ao questionário, trazendo-nos um pouco da percepção de cada profissional em sua instituição de lotação como professores titulares na área de História. O perfil e o currículo de alguns professores que responderam ao questionário foi variado, pois um dos professores não possuía muito tempo de sala de aula, muito jovem, porém já possuía a pós graduação de mestre. Outros professores possuíam bastante tempo de sala de aula, mas a maioria estavam com idade média de trinta anos de idade.

Quanto ao questionário de pesquisa, o mesmo começa com uma pergunta básica para os professores, indagando suas dificuldades com a inserção do aluno migrante. Sendo a grande maioria das respostas afirmativas para este quesito, como aponta o gráfico seguinte.

Gráfico A

1. Professor/a, você teve alguma dificuldade com a inserção de alunos/a venezuelanos/as no cotidiano de suas aulas?

4 respostas



Em seguida, caso a resposta fosse positiva, foi solicitado que relatassem quais foram as dificuldades encontradas em sala de aula. Dentre as respostas, destacam-se:

- “A dificuldade é a mesma de sempre eles não entendem nossa língua e muitos não conseguem fazer as atividades” (transcrição fiel ao coletado no questionário).

“A questão da língua. Pois não domino a Língua Espanhola”.

- “Não há”.

- “Dificuldade de comunicação com os migrantes recém-chegados, que têm o seu rendimento diminuído por falta de compreensão da teoria por motivos linguísticos (logicamente que me refiro a poucos alunos, uma minoria)”.

Ao analisar as respostas dos professores “X”, percebemos que a dificuldade inicial com os alunos migrantes é a comunicação. O que, sem dúvidas, prejudica a interação entre professor(a) e aluno(a), impactando em seu aprendizado. Dadas as circunstâncias, é visível a necessidade de se munir o aluno migrante venezuelano com um suporte que lhe familiarize com a Língua Portuguesa, visto que o mesmo foi matriculado na rede pública de ensino em uma escola do Brasil. Ao estado de Roraima, cabe lhe oferecer condições propícias para o seu aprendizado, seja

promovendo capacitações para os professores, e/ou oferecendo cursos de letramento em Língua Portuguesa para estes migrantes.

É importante ressaltar que esta troca cultural pode promover não apenas dificuldades, mas também pode vir a enriquecer os professores e alunos, motivando que busquem a aprender um idioma diferente do seu. Este conhecimento pode vir a transformar sua realidade sob várias perspectivas, suscitando temas variados da cultura, ampliando as visões de mundo do(a) próprio(a) professor(a).

Quanto a dificuldade dos alunos com a escrita na Língua Portuguesa ou leitura, existe o projeto de letramento, já instituído pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR) e em vigor na rede pública (segundo os próprios profissionais da rede estadual). O referido projeto de letramento oferece aos alunos em geral, brasileiros ou migrantes que não são alfabetizados, reforço de Matemática e Português. Este “letramento” já atendeu diversos alunos migrantes da Venezuela, o que já ocorre de maneira satisfatória em algumas unidades educacionais que implantaram, no entanto devemos ressaltar que não é a única prática pedagógica que podem trazer resultados na aprendizagem dos alunos.

É perceptível, pela minha experiência em sala de aula, que o funcionamento do projeto de letramento depende dos professores que, ao diagnosticarem, a carência do aluno na leitura e interpretação de texto, encaminhe-o para orientação pedagógica, para que seja disponibilizado um profissional no horário oposto para alfabetizar o aluno com dificuldade em leitura e interpretação. Contudo, os professores precisam sempre estarem atentos as dificuldades dos seus alunos no processo de aprendizado para, em seguida, solicitarem o apoio pedagógico da escola em que se encontram lotados.

Seguindo com os questionamentos da pesquisa, foi feita a seguinte pergunta:

Gráfico B

2. Como você avalia a participação e comprometimento dos alunos migrantes venezuelanos nas aulas de história?

4 respostas



Como pode ser percebido, a pergunta foi direcionada com o objetivo de compreender a percepção do comprometimento e participação do aluno migrante nas aulas de História. As respostas estão em um grau satisfatório, pois mostram que os alunos migrantes não são indiferentes ao que são tratados em sala de aula. No entanto, as dificuldades apresentadas foram:

- “Dificuldade para escrever”.
- “Não comprehendem o Português. As explicações ficam como algo sem significado algum para eles”.
- “Leitura, compreensão e escrita em Língua Portuguesa”.

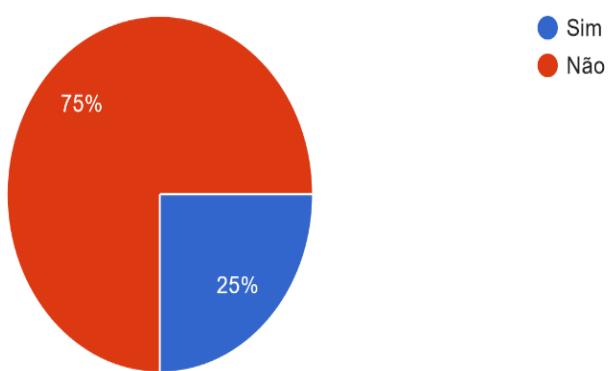
Com base nas respostas citadas pelos professores “X”, a dificuldade elencada foi novamente a questão da comunicação, com a escrita e a escrita em Língua Portuguesa. Ou seja, é observada uma motivação nos alunos, mas falta-lhes mecanismos para conseguirem realmente se inserir ao proposto para a sala de aula de História.

A próxima questão tem a ver com o poder público, no caso a Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR), pois ações que visam melhor atender o aluno sempre são bem-vindas, principalmente em se tratando de algum tipo de qualificação dos professores. As respostas foram:

Gráfico C

3. Você participou de algum curso de capacitação promovido pela Secretaria de Educação de Roraima para alcançar melhores resultados no ensino de História?

4 respostas



Na percepção dos professores englobados pela pesquisa, o poder público precisa melhorar sua parte no que diz respeito a capacitação dos docentes. É certo que esta capacitação é uma responsabilidade compartilhada, pois é notório que todo bom profissional busca qualificar-se e superar-se. Contudo, é preciso que lhe propiciem condições para tal, bem como incentivos que lhe façam perceber a importância desta qualificação e aprimoramento. As demandas que são exigidas dos professores diariamente são muito grandes. Um exemplo disto são os atendimentos dos alunos com necessidades especiais, pois objetivo de inclusão social demanda que os professores preparem atividades adaptadas para os alunos inclusos e isto é um direito.

No que diz respeito a Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR), está também possuir sua responsabilidade como órgão de governo, pois a partir do momento que a mesma oferece uma qualificação para dar suporte aos professores, assume uma postura mais ativa diante do que ocorre nas escolas. Quanto aos professores que participam de alguma qualificação, isto ressalta o seu compromisso com os alunos em geral, sem se importar com nacionalidade.

Ainda sobre a formação continuada dos professores, partindo de conversas informais com os gestores das escolas, a qualificação é ofertada na própria escola

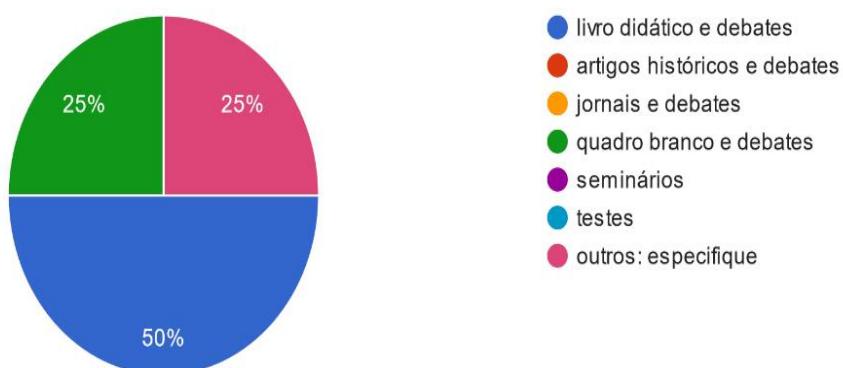
que os professores são lotados, o que de certa forma diminui qualquer tipo de eventuais transtornos nos deslocamentos para outras áreas da capital.

Voltando ao nosso questionário, referente aos recursos didáticos utilizados pelos professores participantes da pesquisa em sala de aula, o gráfico a seguir mostra a realidade do dia a dia dos professores de História em sala de aula.

Gráfico D

4. Professor/a, qual o recurso didático que você mais utiliza em sala de aula?

4 respostas



Como suporte pedagógico, uma boa parte dos professores de História pesquisados, utilizam o livro didático. Sendo este suporte ainda a base da construção de suas aulas, o que pode contribuir com o processo de treinamento de leitura. O acesso a outros materiais, às vezes, é difícil em decorrência de condições financeiras, dentre outros fatores. O livro didático apresenta ainda muitas defasagens no que concerne à produção histórica em sala de aula. Contudo, sendo bem utilizado pode ajudar os alunos no aprendizado da escrita da Língua Portuguesa, como também na melhora da comunicação ou interação entre os professores e os alunos migrantes venezuelanos.

Um dos professores respondeu: outro. Na resposta, justificou que utiliza músicas, poemas, artigos e livros no seu dia a dia em sala de aula. Essa é uma estratégia interessante, que envolve a leitura e a interpretação com os alunos em geral, sendo fundamental para o aprendizado, pois um aluno que ler bem e interpreta textos, obviamente terá o seu aprendizado satisfatório, principalmente em História.

Um outro professor respondeu que utiliza artigos históricos e debates, o que também é interessante, pois trabalha a leitura, já que esta foi um dos problemas apontados ao longo da pesquisa.

Estas metodologias associadas ao uso do livro didático de História ajudam a superar a barreira da falta de interpretação de texto. O debate ajuda na interação entre professor e aluno, quanto mais interação entre duas pessoas que falam idiomas diferentes, se ampliam as chances de melhorar a comunicação e entendimento entre elas.

Nós, professores, temos que nos policiar quando nos deparamos com determinadas situações em sala de aula. Nossa postura poderia ser muito mais ativa e sensível, pois a experiência pessoal em sala de aula demonstra que não estamos acostumados a buscar soluções efetivas, que contribuam com a resolução de algum contratempo, nos apegando à uma zona de conforto no que toca ao processo de aprendizagem. Gostaria de salientar que existe muitos professores que são bem ativos e que sempre estão em buscar de melhores metodologias pedagógicas para alcançar resultados no aprendizado históricos de seus alunos.

Contudo, não podemos esquecer que aprender é algo dinâmico. Devemos estar sempre nos reinventando e buscando métodos mais ativos e integrantes do aluno ao aprendizado da História, cabendo-nos buscar soluções criativas para os desafios que se apresentam em nosso dia a dia em sala de aula, pois acima de tudo o(a) professor(a) é um ser resiliente que não se abate quando os obstáculos são altos demais, principalmente em relação à presença dos migrantes venezuelanos, que já é algo que está consolidado na realidade roraimense.

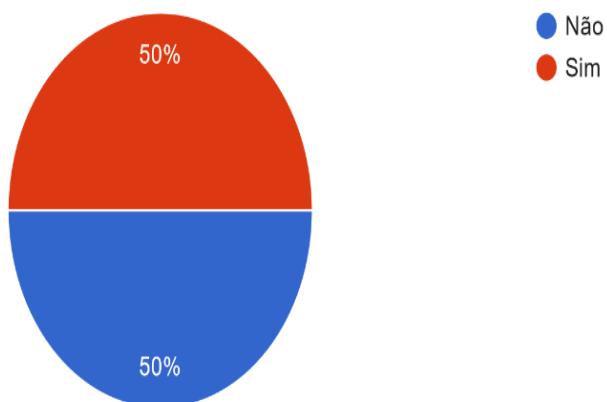
As pesquisas apontam que, de 2015 a 2022, a presença de estudantes migrantes da Venezuela só vem aumentando. De certa forma, isso coloca um peso a mais na prática docente dos professores de História. Mas é preciso lembrar que o mundo está cada vez mais globalizado. Por isso, o movimento de pessoas se deslocando de um lugar para outro vai continuar acontecendo por tempo indeterminado, sendo que o grau de exigências por resultados continuará aumentando sobre os professores e as trocas de experiências pedagógicas entre estes profissionais serão bem-vindas e necessárias.

Quanto aos possíveis conflitos entre alunos de nacionalidades diferentes o gráfico a seguir mostrou:

Gráfico E

5. Professor/a, já presenciou algum tipo de conflito de aluno brasileiro e venezuelano?

4 respostas



Com base nas respostas dos pesquisados, onde foi indagado se eles já precisaram fazer algum tipo de interversão em possíveis conflitos, o gráfico demonstra uma situação com percentual 50% entre sim e não, sendo que aqueles que responderam de forma afirmativa trouxeram exemplos de situações como:

- “Tem muito bullying e também preconceito e diferença. Isso faz com que haja uma discussão entre eles. Mas acabo acalmando-os, dizendo que vou fazer um relatório e aí começo a conversar com eles que daquela forma que eles estão falando não é o certo e todos são iguais”.

- “No geral são conflitos por conta da xenofobia. Tento explicar e orientar sobre a diversidade cultural”.

Conforme as respostas, para a solução de conflitos foram adotados o diálogo e a orientação no sentido de esclarecer os alunos quanto ao respeito às pessoas com nacionalidade diferente da sua. Neste aspecto, o artigo produzido por Baptaglin e Monteiro (2021), nos presenteia com importantes argumentos sobre a diversidade cultura.

Vivemos em um mundo onde a mistura de etnias, culturas, religiões, línguas e costumes estão em pleno crescimento. As barreiras de línguas e fronteiras já não limitam o andar entre nações. A nossa sociedade, hoje imensamente moderna e em pleno uso tecnológico, encontra menos barreiras para o avanço na aproximação entre os indivíduos das sociedades [...] percebemos que os movimentos migratórios internacionais estabelecem um importante intermediário de transformação social no mundo moderno. Muitas pessoas enxergam, na imigração, uma possibilidade de sobreviver. Essa ideia é reforçada pelos meios de comunicação, quando apresentam os estilos de vida americanos e europeus, que seriam modelos de sucesso quanto a oferta de melhores condições de vida para aqueles indivíduos que, de alguma forma, sofrem em sua pátria. Entendendo esses fluxos migratórios, vários países no mundo precisam se adequar para essa realidade e isso significa aprendermos a viver em uma sociedade plural, onde o mais importante é respeitar esses diversos grupos e culturas que passam a constituir e fazer parte destas nações, como o Brasil (Baptaglin; Monteiro, 2021, p.05).

Assim sendo, o questionamento seguinte torna-se pertinente, pois a orientação ganha mais respaldo, a partir do momento em que a História é usada como ferramenta para sensibilizar os alunos, em geral, ressaltando o tema migração. Quanto às respostas coletadas, temos:

- “Explicarmos que a questão migratória é um fato importante para conscientizar nossos alunos que hoje é nosso vizinho e amanhã quem será?”
- “Conhecer quem somos e nossas origens contribui para uma aprendizagem positivar”.
- “Porque o estudo da História abrange os diversos povos, culturas e regiões. Trabalhar os fluxos migratórios é essencial para a compreensão da História”.

Estas afirmações corroboram a ideia de que a compreensão da diversidade cultural é importante, principalmente no meio escolar, pois é o espaço social que abriga as mais variadas identidades culturais o que de alguma forma deve gerar conflito. Por isso, é importante a corroboração de Baptaglin e Monteiro (2021) no sentido de ressaltar a importância da escola e de seu corpo docente, bem como orientar e sensibilizar os alunos para o respeito mútuo.

Sendo assim, a escola precisa ser um local de aprendizagem, onde as regras do espaço público possibilitem a coexistência. Para isso, os processos de conhecimento cultural e as estratégias de comunicação articuladas para o processo de aprendizagem passam a ser fundamentais. O trabalho com a diversidade cultural ocorre a todo momento e reivindica que a escola alimente uma cultura baseada no respeito aos direitos humanos, a tolerância e a valorização da cidadania como direito a todos e que deve ser compartilhada sem distinções. O conhecimento não realizar-se-á por meros discursos, mas sim nas práticas de conhecimento e compartilhamento dos saberes culturais (Baptaglin; Monteiro, 2021, p.07).

Podemos compreender que a escola é o espaço mais democrático do nosso meio social, esse entendimento exige uma reflexão um pouco mais ampla, a escola como espaço democrático também possui suas problemáticas e não é perfeita como qualquer ambiente democrático, desta forma o espaço democrático escolar todos são protagonistas, sendo extremamente importante para os alunos e não importando sua nacionalidade. Este local de conhecimento precisa ser um espaço que acolhe, que promove a inclusão social. Assim, é pertinente a contribuição de Assis e Dias (2020) sobre a interculturalidade.

Levando-se em consideração que a vivência da interculturalidade é uma via de mão dupla, na qual todas as pessoas em contato são recíprocas, aprendem entre si, além de compartilharem experiências, pressupõe-se que, nessa perspectiva, os indivíduos apresentam maior respeito e aceitação pelo outro (Assis; Dias, 2020, p.154).

Este compartilhar nos fornece uma imagem da realidade e das características deste aluno. Sendo que, para conhecer mais sobre o perfil do estudante migrante (até para que os professores possam fazer diagnósticos que possam alcançar o aprendizado satisfatório dos alunos em geral), com o enfoque no aluno migrante, foi questionado: O que mais chamou sua atenção em relação ao perfil dos alunos/as venezuelanos, inseridos nas aulas de História?

- “Chamou a minha atenção devido eles conversarem com o professor na língua deles não na nossa”.
- “A rejeição por parte dos brasileiros em aceitar o estrangeiro”.
- “São alunos que contribuem com sua cultura e buscam conhecer e compreender a história e cultura brasileira”.
- “Muitos, apesar da dificuldade de compreensão da língua, são muito mais esforçados e dedicados que os alunos brasileiros”.

Como pode ser percebido as respostas foram variadas, porém apesar da dificuldade com o idioma os alunos migrantes “são muito mais esforçados e dedicados que os brasileiros”. No entanto, é preciso salientar que cada pessoa possui uma percepção diferente sobre a mesma paisagem (neste ponto, uma pequena homenagem ao grande geógrafo Milton Santos). Esta percepção não seria diferente em relação as pessoas. Sobre o perfil dos professores que lecionam a matéria de História, foi questionado: Como você descreveria o seu perfil de professor(a) da disciplina de História?

- “Ótimo”.
- “Sempre em busca do conhecimento”.
- “Professor mediador”.
- “Domino os conteúdos curriculares da disciplina. Tenho consciência das características de desenvolvimento dos alunos. Conheço as didáticas da disciplina que leciono”.

Ao analisarmos o perfil dos professores, precisamos tomar certas precauções, pois cada indivíduos são sujeitos únicos e com sua própria identidade. A visão de Baptaglin e Monteiro (2021) a respeito do professor e sua atuação no ensino aprendizagem com seus alunos, torna-se essencial, pois sua sensibilidade para entender o momento certo de adotar estratégias que visam alcançar as suas metas de aprendizado, pois

O professor multicultural e todos os atores envolvidos nos processos educacionais, precisam enxergar os alunos como pessoas únicas e diferentes, mas que estão ali, naquele ambiente, para se relacionarem e interagirem entre si de forma saudável e que possam trazer crescimento para todos, sem distinções. O professor, enquanto agente direto com seus alunos, deve estar atento em incentivar a troca de conhecimentos com os demais professores, através de materiais de aprendizagem e às próprias finalidades educativas. É importante que o professor saiba que os modelos e estratégias de ensino disponíveis para alcançar metas de aprendizagem multicultural, incluem a aprendizagem cooperativa e a resolução de problemas na comunidade e que o sucesso da sua atuação depende da sua capacidade de comunicação, reflexão e construção de conhecimentos (Baptaglin; Monteiro, 2021, p.08).

Com essa contribuição necessária, podemos compreender que a necessidade de adaptação à nova realidade escolar. É algo que os professores inevitavelmente

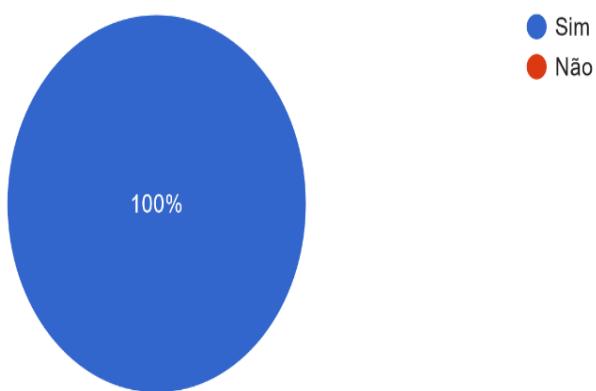
terão que enfrentar, visto que estas mudanças não são regressivas, muito pelo contrário. As novas realidades apresentadas em sala de aula, suscitam novas estratégias de ensino, que podem ser aplicadas para que os alunos possam sentir-se acolhido em seu aprendizado. Vale ressaltar que este processo também traz benefícios ao professor, pois a busca por estratégias mais exitosas na atuação com este migrante certamente irá diminuir os choque e tribulações metodológicas que este profissional enfrentará em seu ofício.

Também foi questionada a importância do tema migração. Quanto a esta indagação, foram coletadas as seguintes respostas:

Gráfico F

6. Professor/a, o tema migração é importe para sua aula?

4 respostas



Em caso da resposta fosse positiva, foi pedido aos participantes que justificassem suas afirmações. Foram obtidos os seguintes apontamentos:

- “Explicamos que a questão migratória é um fato importante para conscientizar nossos alunos que hoje é nosso vizinho e amanhã quem será?”.
- “Conhecer quem somos e nossas origens contribui para uma aprendizagem positivar”.
- “Sim”.
- “Porque o estudo da História abrange os diversos povos, culturas e regiões. Trabalhar os fluxos migratórios é essencial para a compreensão da História”.

As justificativas foram variadas. O fato mais positivo é que todos compreendem que a migração é um fato importante para sensibilizar os alunos acerca dos movimentos do homem pelo mundo que vivemos. Outra resposta aponta o autoconhecimento como contribuição de aprendizagem positiva. Já a última resposta, considera os movimentos migratórios importantes para a compreensão da História. No geral, são pontos de vista diferentes de abordagem. Porém, o aspecto em comum é a importância do estudo da migração na História. Mesmo que todos enxerguem na migração um tema importante para debater com os alunos, ainda assim os professores precisam de mais interação entre si. Principalmente, os professores da área das Ciências Humanas, para que juntos possam enriquecer a sua metodologia e, consequentemente, o seu arcabouço intelectual acerca do tema.

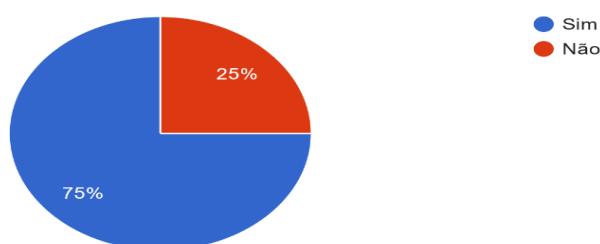
A pergunta, a seguir, tratou da metodologia de ensino de História: Em relação a sua metodologia, quais as estratégias que você utiliza para chamar atenção dos alunos em geral? As respostas foram:

- “Sempre busco inovar minhas aulas com metodologias ativas, com o uso de música, poemas e discussão sobre atualidades”.
- “Buscando sempre falar uma linguagem assertiva. Fazendo o aluno centro das atividades”.
- “Vídeo, seminário, teatro e brincadeiras, como quem fala menos ganha um bombom”.
- “Utilizo diversas abordagens e tento relacionar todos os conteúdos com a atualidade e contexto vividos pelos alunos”.

De acordo com as respostas dos participantes, o perfil dos professores é de profissionais muito dinâmicos, sendo estes, sempre abertos as inovações em seu dia a dia de sala de aula.

Gráfico G

9.2. Os mesmos métodos funcionam com os alunos venezuelanos?
4 respostas



Após serem questionados se os mesmos métodos funcionam com os alunos migrantes da Venezuela, as respostas em sua maioria foram positivas. O que se pode concluir com base nesta resposta é que os migrantes venezuelanos são considerados como mais um aluno em uma sala de aula. As suas dificuldades de comunicação, muitas vezes, não são levadas em consideração no processo de ensino e aprendizagem. Isso indica que os mesmos métodos de ensino usados para os alunos brasileiros podem não funcionar com os alunos migrantes venezuelanos. Neste caso, é observada a necessidade de abordagens metodológicas que levem em conta as dificuldades dos professores de História que foram mencionadas. Sendo assim, o migrante venezuelano estaria sendo levado em conta na metodologia de ensino utilizada pelo(a) professor(a) de História.

A última pergunta do questionário foi em relação a algum tipo de suporte oferecido para lidar com o migrante: Foi oferecido algum suporte para lidar com o recebimento do aluno migrante venezuelano? As respostas foram:

- “NÃO”.
- “Não”.
- “Não”.
- “Se foi, desconheço”.

A pergunta acima foi no intuito de saber qual seria o suporte necessário para que fosse atendido a demanda de ensinar História para os migrantes venezuelanos? Porém, como as respostas foram negativas não houve maiores contribuições neste quesito. Partindo destas contribuições, os pesquisados ofereceram um material que contribuiu para se elaborar uma visão geral da situação do aluno migrante venezuelano, no tocante ao seu processo de aprendizagem nas escolas da zona Oeste da cidade de Boa Vista-RR.

Este estudo pode contribuir para que futuras pesquisas sobre este tema sejam desenvolvidas, não esgotando aqui os apontamentos necessários para compreender e enriquecer as discussões sobre as mesmas. Considerando-se estes apontamentos, cabe acrescentar que o material de análise é pertinente para se suscitarem aprofundamentos acerca da temática, gerando contribuições e aperfeiçoamentos da prática do ensino de História em sala de aula. Além de contribuir para uma construção

de um saber histórico único, reflexivo e de impacto para a formação de indivíduos mais munidos de conhecimento crítico e esclarecido sobre a realidade que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As matrículas de alunos migrantes venezuelanos geraram um impacto na educação roraimense, pois só no ano de 2022 as escolas estaduais já contavam com mais de 8.000 alunos venezuelanos matriculados. Por esse motivo, as escolas do estado de Roraima precisam cada vez mais estarem preparadas para atender as demandas que se apresentam. Assim sendo, o tema migração merece ser mais estudado por parte dos professores da área das Ciências Humanas, pois não é só a História que tem a obrigação de abordar a questão com mais ênfase. É importante que as outras disciplinas também estudem o fenômeno da migração venezuelana no contexto escolar, visto que a ampliação das interações sociais entre os profissionais que estão na linha de frente do processo educacional contribuirá com as trocas de experiências pedagógicas. Esse contexto, certamente, irá somar às práticas que já logram êxito em sala de aula, produzindo um ambiente de aprendizagem mais rico, crítico e ciente de sua própria realidade.

Assim, a ampliação do estudo para a realidade de profissionais de outra área do conhecimento contribuirá para que os alunos possam ser melhor atendidos dentro de suas perspectivas e realidades escolares, tornando o processo educativo um verdadeiro agente transformador da realidade deste aluno. Podendo também, fornecer mecanismos que lhe permitam não somente compreender e atuar em seu meio social, mas também modificá-lo, atendendo às suas necessidade e anseios.

Além disso, o corpo escolar (em todas as suas esferas dentro da escola), precisa compreender a importância do seu papel nesta construção, estando sempre atento às demandas educacionais dentro do seu espaço social, pois este todo (gestão, funcionários administrativos e gerais), trabalhando em conjunto, é o primeiro suporte que os professores podem ter em suas práticas cotidiana da sala de aula.

Cabe destacar que, a Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR) possui a maior estrutura, suporte e alcance. Logo, a sua responsabilidade é ainda maior. Faltando-lhe uma postura mais ativa no debate acerca do enfrentamento às dificuldades no processo de inserção de alunos migrantes venezuelanos na rede pública estadual de Roraima. Por este motivo, os apontamentos desta pesquisa, direcionam para uma necessidade de promoção de debates e trocas de experiências exitosas por parte das escolas e de profissionais da educação, sendo este órgão de governo, o segmento ideal para formalizar esta ação junto às estruturas de ensino.

Fica, assim, a sugestão de aplicação de cursos de formação e socialização de experiências exitosas, relacionadas ao processo migratório no tocante à sala de aula, podendo esta prática gerar não somente um impacto positivo na própria gestão do ensino, como também contribuir para uma aproximação maior com a pesquisa científica, visto que tal postura suscitará pesquisas e compartilhamento de dados e experiências.

O passado serve para que possamos fazer uma reflexão e, neste sentido, a pesquisa poderia ter atingido outras escolas. Por exemplo, uma conversa informal com uma das minhas coordenadoras atuais, pertencente ao corpo pedagógico de uma das escolas que estou lotado como professor titular, ressaltou os feitos da Escola Estadual São Vicente de Paula. A referida instituição, na visão da coordenadora, vem fazendo um trabalho muito bom, pois já alfabetizou mais de cem migrantes venezuelanos através do projeto letramento.

Com os questionários pelo google formulário, esta pesquisa poderia ter sido ampliada para outras áreas de Boa Vista-RR. Contudo, esta ideia, embora seja atrativa, não se encaixaria com as limitações de tempo às quais estão sujeitas as demandas desta pesquisa, ficando a cargo de ampliações posteriores ou outros questionamentos acerca da temática, que se apresenta rica e ainda pouco explorada no Estado de Roraima.

Para estes apontamentos iniciais, mesmo um número de 04 professores de História, dentre 09 professores de História que se encontram lotados nas escolas estaduais zona Oeste da cidade de Boa Vista, precisamente dos bairros Caranã, Cauamé e União, já nos forneceu dados significativos e enriquecedores para o início de um debate mais amplo acerca das metodologias e práticas de enfrentamento adotadas para as dificuldades de aprendizagem dos alunos migrantes venezuelanos. A análise foi suficiente para que pudéssemos fazer uma reflexão acerca do tema proposto e compreender um pouco mais do corrido cotidiano dos professores no seu dia a dia em sala de aula.

De acordo com os professores que responderam ao questionário, o perfil dos alunos migrantes é de “esforçados e mais dedicados que os alunos brasileiros”. Apesar disso, outros professores perceberam a dificuldade na comunicação com os alunos recém-chegados da Venezuela e, por consequência, prejudica no rendimento escolar dos alunos. Outros professores apontam a questão da xenofobia e,

consequentemente, surgem conflitos que precisam da intervenção de todos os profissionais da escola.

Neste sentido, a importância da História como ferramenta de sensibilização no entendimento de que a migração faz parte da História humana e que dependendo da realidade de cada pessoa, possui potencial para ser um migrante internacional. Mas que também pode sofrer com algum tipo de discriminação por conta de sua nacionalidade ou etnia “racial”.

Do lado dos professores, os participantes da pesquisa se mostram confiantes na sua capacitação técnica em sala de aula, e podemos sim confiar na experiência e excelência da maioria dos professores da rede pública estadual. No entanto, sempre é bom qualquer profissional estar procurando aprimorar os seus conhecimentos através de formações continuadas promovidas pela SEED. Além disso, também é importante buscar outras formações de especialização dentro das Universidades, caso tenham tempo disponível, pois o conhecimento debatido dentro da academia nunca é demais. Pelo contrário, é sempre bem-vindo, pois a academia sempre está em busca de novos tratados que visem melhorar a sociedade como um todo.

Com o avanço das tecnologias, principalmente na área da informação, existem aplicativos em que as pessoas podem usar como ferramenta para aprender um idioma, sem sair de casa e a qualquer tempo. Por isso, tentar o domínio de uma língua de outra nacionalidade também é importante, pois é uma necessidade possuir conhecimento linguístico de outras nacionalidades em várias situações do dia a dia, como traduzir um artigo científico sem precisar de tradutor, dentre outras situações como atender melhor as pessoas na condição de migrante, principalmente o aluno migrante que vai sentir que está sendo realmente acolhido dentro de um espaço público. Isso também significa inclusão social, característica importante em uma sociedade democrática.

Ao se observar o conjunto de respostas e o rico conhecimento proveniente destas, decidi apontar como um possível produto, uma sugestão de evento para compartilhar estas práticas em sala de aula, visto que não existem ainda espaços criados pelo poder público estadual, para discutir a atuação do professor e de suas metodologias para o melhor aprendizado dos migrantes de outras nacionalidades, o assunto é no máximo discutido e pensado pela gestão em âmbito local. Contudo, em minha recente experiência docente, percebo que algumas práticas com as quais tive contato muito recentemente, se mostram exitosas nesse sentido.

O socializar das experiências mencionadas até aqui poderia servir de rede de apoio para o professor, que está solitário com mais uma demanda agregada ao seu trabalho docente. Visto que a natureza do ser humano é socializar para continuar sua evolução, este trabalho terá uma forte influência em temas similares que visam discutir o aprendizado histórico em sala de aula, por isso a aplicação do produto educacional ao final do curso será relevante para outros professores da rede pública estadual de educação.

Some-se a isso, a necessidade de ser desenvolvido algo como um curso de capacitação para os professores da educação básica que possuem alunos de nacionalidade venezuelana. Teria que ser algo de proporções maiores, para que as práticas sejam realmente socializadas, e os locais que necessitam delas sejam alcançados. Portanto consideramos que esta incumbência deveria ficar a cargo da Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEED-RR), como representativo do poder público, realizar esta tarefa.

Por último, a troca de experiências entre os professores do ensino básico e das Universidades são bem-vindas. Por isso, é preciso elogiar a atuação do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), que oferece essa oportunidade de os professores da rede pública de ensino estarem se aprimorando. Nesse contexto, o afastamento dos professores da academia, lhes traz uma inércia improdutiva, limitando a sua visão crítica e ativa da sociedade.

Em outras palavras, o curso de Mestrado do ProfHistória/UFRR representa um mecanismo importante para reforçar os laços com a produção científica, possibilitando a troca de experiências. O chão da sala de aula fornece uma riqueza de possibilidades enormes para a compreensão das práticas e saberes docentes. Pesquisá-lo e compreendê-lo melhor com o auxílio da academia contribui para que os profissionais da educação sejam mais engajados e atuantes.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Sande Nascimento de. **Noções básicas de Direitos Humanos**. Recife: Cefospe, 2020.
- _____. Os Saberes escolares e o Conceito de Consciência Histórica. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.5, n.12, p.110-125, set./dez. 2014.
- BAPTAGLIN, Leila Adriana. MONTEIRO, Patrícia de Sousa Silva. DIVERSIDADE CULTURAL: processos migratórios e a educação municipal de Boa Vista-RR. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 11, p. 01 - 22, 2021.
- BARASH, Jeffrey Andrew. O lugar da lembrança. Reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricoeur. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.6, Jan / Jun. 2012 – ISSN- 2177-4129. DOI: www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.
- _____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **ECA Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 16 julho de 1990. Disponível em:. 25.03.2024.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O ensino de História: um processo de construção permanente: história, ensino fundamental**. Curitiba: Módulo Editora, 2009.
- BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; Porto, Nilza (org.) **Ensino de História: Teorias e Metodologias**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020. ISBN: 978-65-00-02128-8 497pp.
- CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- COSTA, Armando João Dalla. **O Ensino de História e suas Linguagens**. Curitiba: Ibpex: 2011.
- COSTA, Marco Antônio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barroso da. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DUPAS, Elaine. **NOVA LEI DE MIGRAÇÃO: a possibilidade de reconhecimento do imigrante como sujeito de direitos humanos no Brasil**. Dissertação (Mestrado em

Fronteiras e Direitos Humanos) - Faculdade de Direito e Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio:** o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: ed. Positivo, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Aprendendo História:** reflexão e ensino. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

FONSECA, Selma Guimarães. **Fazer e ensinar história.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e História de Roraima.** Boa Vista: DLM, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico:** explicitação das normas da ABNT. 16. ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2013.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula:** conceitos práticas e propostas. Leandro Karnal. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LISBOA, Andressa Beatriz Cardoso. **A interiorização na Operação Acolhida:** migrações internas de venezuelanos no Brasil. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Salvador: UFBA, 2023.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986; 9^a ed. São Paulo: EPU, 2005.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de metodologia científica.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCONI, MA; LAKATOS, EM. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2015.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos de Didática.** Curitiba: Ibpex, 2008.

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira; VASCONCELOS, José Antonio. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de História.** Curitiba: Ibpex, 2007.

MOREIRA, Julia Bertino Moreira; BORBA, Janine Hadassa Oliveira Marques de. Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma

revisão conceitual no campo das migrações. **R. bras. Est. Pop.**, v.38, 1-20, e0137, 2021.

NASCIMENTO, D. A.; BASTOS, S. N. D. CURRÍCULO ESCOLAR E AMAZÔNIA(S): formas de ver e pensar o contexto amazônico. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 1, p. 1-12, 2023. ISSN2177-2886. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i1.66129>.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes; VERAS, Antônio Tolrino de Rezende; SOUZA, Carla Monteiro de. **Roraima no contexto das migrações:** impressões da (re)configuração espacial entre 1980 a 1991. Natal: XXVII Simpósio Nacional de História, 22 a 26 de julho de 2013.

OLIVEIRA NETO, Thiago; NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Os transportes e as dinâmicas territoriais no Amazonas. **Revista Franco-Brasileira de Geografia**. Dossiê Amazonas. nº 43, 2019.

RORAIMA. Conselho Estadual de Educação. **Documento curricular para o ensino médio**, 2021.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SANTIAGO, Isaque. **Cotidiano: BV tem 56 bairros, alguns desconhecidos**. Folha de Boa Vista, 13/01/2016. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/cotidiano/bv-tem-56-bairros-alguns-desconhecidos/>. Acesso em: 14/09/2024.

SANTOS, Alessandra Rufino. **Migração de peruanos em Boa Vista-RR**. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2013.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende Martins. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos:** normas técnicas. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Cybele de Faria. **Trabalho docente e a questão imigrante**. In: IV Congresso Ibero Americano de Política e Administração Escolar, 2014, Porto.

Portugal. Disponível em <[TRABALHO DOCENTE E A QUESTÃO IMIGRANTE.pdf](#)>
Acesso em: 30/01/2023.

SOUZA, Carla Monteiro de. SILVA, Raimunda Gomes da (orgs). **Migrantes e Migrações em Boa Vista:** os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé. Boa Vista: Editora da UFRR, 2006.

SOUZA, José Clécio Silva de; SANTOS, Décio Oliveira dos; SANTOS, Josineide B. dos. Os projetos pedagógicos como recurso de ensino. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 40, 20 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/40/os-projetos-pedagogicos-como-recurso-de-ensino>.

SPIELER, Paula. MELO, Carolina de Campos. CUNHA, José Ricardo. **Direitos Humanos:** Roteiro de Curso. FGV. 2010.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-Ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1997.

APÊNDICE

Sugestão de evento pedagógico para a socialização de experiências educacionais associadas à migração

1. Apresentação

O Produto educacional é um requisito para o que foi pesquisado em uma Universidade Federal possa ter algum tipo de retorno para a sociedade. Porém, não houve tempo hábil para aplicar o mesmo. Por isso, é apenas uma proposta.

É consenso entre autores da área educacional, o fato de os professores enfrentarem desafios cada vez maiores em suas práticas cotidianas. Diante desta afirmação, o Estado de Roraima também se insere neste contexto e, uma das situações enfrentadas em sala de aula na rede estadual, é a migração venezuelana, fruto da crise enfrentada pela Venezuela.

Os professores da zona Oeste da capital Boa Vista têm passado pelo desafio de receber os alunos migrantes venezuelanos, que agregam à sua presença em sala de aula, não somente a dificuldade de adaptação, mas também um conjunto de situações sociais, políticas e econômicas próprias de sua condição. Ao professor cabe receber estes alunos e lidar com mais estas variáveis em seu conjunto de planejamentos diários inerentes ao seu ofício.

Neste sentido, compreender e socializar estas percepções pode contribuir para a construção de um processo de aprendizagem mais rico e menos impactante, tanto do ponto de vista destes alunos quanto do ponto de vista do professor. Assim, um espaço para a troca de saberes e práticas exitosas pode se constituir como um ponto de partida inicial para auxiliar o professor diante desta demanda.

O presente projeto tem a finalidade de sugerir a troca destes saberes, promovendo um intercâmbio educacional entre escolas e instituições de ensino, viabilizando a socialização de práticas exitosas no acolhimento do estudante migrante venezuelano na rede estadual de ensino de Roraima.

2. Objetivos

2.1 Geral

- Promover a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos e práticas inovadoras entre educadores, enfocando a acolhida metodológica voltada ao migrante na rede pública estadual.

2.2 Específicos

- Incentivar a troca de boas práticas pedagógicas e metodologias inovadoras para aprimorar o ensino diante da migração venezuelana.
- Oferecer oportunidades de desenvolvimento profissional para professores e gestores escolares, frente ao fenômeno migratório enfrentado pelo Estado.
- Fortalecer o vínculo entre a Escola e a comunidade, promovendo a inclusão e o acesso à educação de qualidade.
- Fomentar a inovação e a criatividade na educação, explorando novas tecnologias e recursos educacionais voltados ao acolhimento do migrante em sala de aula.

3. Metodologia de Implementação

1^a Etapa: Planejamento: Identificação das áreas de interesse, definição dos objetivos e elaboração do cronograma.

2^a Etapa: Intercâmbio: Promoção de evento colaborativo em âmbito estadual, participação em workshops e palestras, troca de experiências práticas.

3^a Etapa: Disseminação: Compartilhamento dos aprendizados com outras escolas e instituições, construção de um repositório de boas práticas.

4. Participantes e suas Contribuições

O projeto contará com a participação de professores, gestores, alunos e especialistas em educação.

Grupo	Contribuições
Professores	Compartilhamento de práticas pedagógicas inovadoras, desenvolvimento de projetos colaborativos.
Secretaria de Educação Estadual	Responsável pela organização e aplicação do projeto, subsidiando espaço e profissionais para tal
Especialistas em Educação	Orientação e apoio técnico, realização de palestras e workshops, compartilhamento de conhecimentos e pesquisas.

5. Resultados Esperados

O intercâmbio de práticas educacionais proporcionará uma oportunidade de aprendizado mútuo, com foco em diferentes áreas da educação promovendo um enriquecimento do repertório pedagógico, através do acesso a novas ideias, estratégias e recursos que podem ser aplicados em sala de aula, ampliando as possibilidades de ensino.

Esta prática viabilizará a adoção de metodologias inovadoras e práticas eficazes, elevando a qualidade do ensino. Além disso, uma aprendizagem colaborativa, abrirá espaço para um processo mais integrado, com ideias convergentes e ampliação de uma rede de contato que possibilitará uma maior inspiração e inovação ao trabalho docente. Tais possibilidades promoverão a superação de desafios, à medida que promovem o compartilhamento de soluções para desafios comuns enfrentados por educadores, como lidar com a diversidade, a inclusão e a gestão de conflitos.

Este processo também fornecerá base para a construção de uma comunidade escolar mais ativa, engajada e munida de recursos compartilhados.

6. Recursos Necessários

Espaço Físico: local adequado para a realização das atividades, como um auditório ou centro de convenções, com infraestrutura para eventos.

Recursos Tecnológicos: equipamentos como projetor, tela, computadores, acesso à internet, plataformas online para comunicação e colaboração.

Materiais de Apoio: materiais impressos, como folders, cartilhas, certificados, além de materiais para atividades práticas, como jogos, ferramentas pedagógicas e kits de materiais.

Equipe de Apoio: pessoal técnico para suporte na organização do evento, na gestão dos participantes, na logística e na assistência técnica.

Profissionais de área específica: palestrantes com conhecimento técnico da área de migração, professores que apresentem interesse em socializar práticas metodológicas exitosas no acolhimento ao migrante em sala de aula.

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA O QUESTIONÁRIO

Caríssimo/a professor(a), você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Movimento Migratório Venezuelano e o Ensino de História: um estudo de caso em uma Escola da Zona Leste**” sob a responsabilidade do mestrando **Francisco de Assis Lopes Gomes**, vinculado a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e poderá sair da pesquisa sem nenhum prejuízo para você ou para o pesquisador.

1. **O objetivo deste estudo é:** pesquisar sobre as metodologias ou experiências adquiridas em sala de aula, que foram bem-sucedidas, que foram utilizadas com os alunos migrantes da Venezuela, e que podem ser compartilhadas com outros professores de História no espaço escolar ou não escolares.
2. **Sua participação nesta pesquisa será:** a de responder a um roteiro previamente estabelecido, através da Plataforma google formulário, relacionado a questões referente ao ensino de história e o aluno migrante venezuelano.
3. **O principal benefício relacionado com sua participação será:** o de debater o ensino de História e as estratégias utilizadas no aprendizado dos alunos migrantes da Venezuela, bem como as boas experiências metodológicas utilizadas com os alunos venezuelanos e que muitas vezes não são muito divulgadas para outros professores.
4. **O principal risco relaciona com a sua participação será:** o de ter eventuais desconfortos e/ou constrangimento ao responder determinadas questões, além da possibilidade de haver desconforto e alteração no comportamento por conta das questões. Há, ainda, o risco de quebra de sigilo, que deve ser levado em consideração. No entanto, o pesquisador responsável tomará todas as preocupações necessárias para que os questionários sejam manuseados apenas pelo pesquisador para que não haja qualquer tipo de constrangimento, bem como o sigilo dos participantes da pesquisa. Ainda assim, é possível que alguém seja identificado, devido as características da amostra (com poucas escolas) e das dimensões populacionais envolvidas. Contudo, haverá todo o cuidado para que não haja identificação e, desse modo, no interior do texto dos relatórios e artigos produzidos você não será identificado.

5. **Serão incluídos nesta pesquisa:** professores que lecionam a disciplina de história em escolas públicas da zona leste da cidade de Boa Vista/RR.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e garanto que somente o pesquisador saberá sobre sua participação.

Você receberá uma via deste termo com o telefone e o endereço institucional do pesquisador e do CEP e poderá tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação, agora ou a qualquer momento. Você poderá entrar em contato com o pesquisador para tirar qualquer dúvida se achar necessário através do telefone (95) 991261786.

Declaro que li e concordo com _____

1. Professor(a), você teve alguma dificuldade com a inserção de alunos(a) venezuelanos(as) no cotidiano de suas aulas?

2. Se a resposta for positiva, relate as dificuldades encontradas:

- a) Comprometido e participativo com a disciplina.
- b) Indiferente a aprendizagem da disciplina.
- c) Possui interesse, mas apresenta dificuldades (citar quais).
- d) Não possui interesse e apresenta dificuldades (citar quais).

3. Citar Dificuldades

4. Você participou de algum curso de capacitação promovido pela Secretaria de Educação de Roraima para alcançar melhores resultados no ensino de História?

() sim () não

Em caso afirmativo cite:

5. Professor(a), qual o recurso didático que você mais utiliza em sala de aula?

- a) Livro didático e debates.
- b) Artigos históricos e debates.
- c) Jornais e debates.
- d) Quadro branco e debates.
- e) Seminários.
- f) Testes
- g) Outros, especifique: _____

6. Professor(a), já presenciou algum tipo de conflito de aluno brasileiro e venezuelano?

() sim () não

Em caso de resposta positiva, como você solucionou o conflito?

7. Professor/a, o tema migração é importante para sua aula?

() sim () não

Justifique sua resposta anterior

8. O que mais chamou sua atenção em relação ao perfil dos alunos(as) venezuelanos, inseridos nas aulas de História?

9. Como você descreveria o seu perfil de professor(a) da disciplina de História?

10. Em relação a sua metodologia: quais as estratégias que você utiliza para chamar atenção dos alunos em geral?

11. Os mesmos métodos funcionam com os alunos venezuelanos?

() sim () não